



Glória Rabay (org.)  
M<sup>a</sup> Cristina Dias  
Débora Freire  
Gil Aciolly  
Lorena Andrade  
Marcos Vital

# vidas solidárias

# Vidas Solidárias



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
REITORA

Margareth de Fátima Formiga Diniz  
VICE-REITORA  
Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira



DIRETOR DO CCTA  
José David Campos Fernandes  
VICE-DIRETOR  
Ulisses Carvalho da Silva



CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO

Dr. José David Fernandes  
Carlos José Cartaxo  
Magno Alexon Bezerra Seabra  
José Francisco de Melo Neto  
Ulisses Carvalho da Silva  
Marcílio Fagner Onofre

EDITOR  
José David Campos Fernandes  
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL  
Paulo Vieira  
LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO  
COORDENADOR  
Paula de Souza Paes

Glória Rabay  
Organizadora

# Vidas Solidárias

EDITORA DO CCTA  
JOÃO PESSOA  
2020

### ||| CONSELHO EDITORIAL |||

Revista Latino-americana de Jornalismo | ÂNCORA

Coleção ÂNCORA de Jornalismo

Prof. Dr. Alfredo Vizeu | Universidade Federal de Pernambuco - Brasil

Prof. Dr. Antônio Fausto Neto | Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Brasil

Prof. Dr. Antônio Francisco Ribeiro de Freitas | Universidade Federal de Alagoas - Brasil

Prof. Dr. Carlos Arcila Calderón | Universidad del Rosario - Colômbia

Prof. Dr. Claudio Cardoso Paiva | Universidade Federal da Paraíba - Brasil

Prof. Dr. Denis Porto Renó | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho | Universidade Federal do Ceará - Brasil

Prof. Dr. Eduardo Meditsch | Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil

Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva | Universidade Estadual da Paraíba - Brasil

Prof. Dr. Francisco Laerte Magalhães | Universidade Federal do Piauí - Brasil

Prof. Dr. Heitor Costa Lima da Rocha | Universidade Federal de Pernambuco - Brasil

Prof. Dr. Jesús Flores Vivar | Universidad Complutense de Madrid - Espanha

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joana Belarmino de Sousa | Universidade Federal da Paraíba - Brasil

Prof. Dr. Koldo Meso | Universidad del País Vasco - Espanha

Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva | Universidade Estadual da Paraíba - Brasil

Prof. Dr. Pedro Benevides | Universidade Federal da Paraíba - Brasil

Prof. Dr. Pedro Nunes Filho | Universidade Federal da Paraíba - Brasil

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Regina Moura | Universidade Federal da Paraíba - Brasil

Prof. Dr. Silvano Alves Bezerra da Silva | Universidade Federal do Maranhão - Brasil

Prof. Dr. Thiago Soares | Universidade Federal de Pernambuco - Brasil

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Virgínia Sá Barreto | Universidade Federal da Paraíba - Brasil

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zulmira Silva Nóbrega | Universidade Federal da Paraíba - Brasil

Os professores-pesquisadores da Coleção Âncora integram o Conselho Científico da Revista Latino-americana de Jornalismo – ÂNCORA.

## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	8
VIDAS SOLIDÁRIAS E O JORNALISMO HUMANIZADO COMO MANEIRA DE REGISTRÁ-LAS .....	11
NIEDJA SEIXAS – A DONA DO SORRISO QUE DEIXA A DOR SUAVE .....	20
Lorena Andrade	
MÁRCIA SERPA – A MULHER CENTOPEIA .....	30
Marcos Vital	
MARIA DE LOURDES DA SILVA – BOM TE VER .....	51
M <sup>a</sup> Cristina Dias	
JAÍSA NÓBREGA – E O SEU “AMOR, VOCÊ QUER?” ....	65
Débora Freire	
MARIA LUIZA RODRIGUES – O SORRISO DE LUIZA .....	80
Gil Aciolly	
OS AUTORES .....	103

Capa e projeto gráfico: Belnassci  
Bibliotecária responsável: Susiquine Ricardo Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

V648 Vidas solidárias [recurso eletrônico] / Organização: Gloria Rabay; prefácio: Luiz Custódio da Silva. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

Recurso digital (4,93MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-170-1

1. Jornalismo - Aspectos sociais. 2. Jornalismo Biográfico.  
3. Solidariedade. 4. Voluntariado. I. Rabay, Gloria. II. Silva,  
Luiz Custódio da.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 070-029:3

Foi feito depósito legal

Todos os textos são de responsabilidades dos autores.

Direitos desta edição reservados à: EDITORA DO CCTA/UFPB

Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

# PREFÁCIO

Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva

O livro *Vidas Solidárias* reúne cinco perfis jornalísticos construídos por estudantes do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. As narrativas elaboradas com estilos plurais e versáteis contam histórias, descrevem momentos e falam de fatos e experiências de mulheres com variadas profissões que optaram por uma atividade de extrema importância humanística: apoiar, em vários aspectos, portadores de diversos tipos de câncer residentes no Estado da Paraíba e de Pernambuco.

Os textos produzidos mostram olhares sensíveis voltados para o cotidiano de personagens que sofrem diante dessa doença, contam sobre seus temores, suas lutas e desafios para o enfrentamento das dificuldades do cotidiano para a superação dos existenciais vivenciados.

O trabalho jornalístico construído interliga momentos da vida das personagens escolhidas para o registro da temática que inspira a presente publicação, como também, da vida pessoal de cada mulher ativista empenhada em acompanhar, assistir e cuidar desses **pacientes** no sofrimento de uma doença cuja cura ainda é uma profunda interrogação no contexto científico. Em muitos momentos, as vidas se entrelaçam.

As narrações se interligam em busca de explicações e sentidos para as vidas dos narradores e narradoras, e das personagens protagonistas das dores e enfermidades registradas no



trabalho jornalístico objeto da presente apresentação. Trata-se, antes de tudo de um trabalho jornalístico educativo em defesa da concepção e práticas de ações solidárias praticadas de forma espontânea por um grupo de mulheres que ao acompanharem paciente de forma espontânea, buscam através do diálogo e da compreensão construir formas e possibilidades de ações humanizadoras para a ressignificação de existências sofridas e atormentadas por enfermidades em busca de curas através dos modernos serviços da ciência médica.

A construção de um jornalismo eticamente comprometido com valores humanos para que seja possível uma maior clareza e compreensão desse critério de noticiabilidade na sociedade contemporânea é uma responsabilidade principalmente dos jornalistas profissionais de todo o Planeta Terra. Os desvios que impedem cotidianamente essas práticas na sociedade, acontecem a cada instante pelos governantes, pelas empresas de Comunicação, pela falta de compromisso e conhecimento daqueles que atuam na área e não percebem as suas responsabilidades éticas, políticas e sociais no mundo contemporâneo.

Tal modalidade de jornalismo necessita ser defendida e praticada em prol desses valores difundidos por teóricos e ativistas midiáticos em busca da sustentabilidade planetária. O trabalho aqui apresentado agrega muitas dessas características encontradas nesse tipo de produção, edição jornalística almejada pelos segmentos que pensam essa profissão como forma de mobilização e conscientização social.

As narrativas elaboradas apresentam fragmentos de histórias de vidas, relatos de experiências, registros de comportamentos e de gestos humanitários, comentários sobre a importância de um sorriso em momentos de angústia, de tristeza e de desespero

vivenciados por essas pessoas em suas aflições devido ao estado de saúde. Nesse contexto, as mulheres solidárias criam e inventam alternativas variadas para o compartilhamento de ações que possam ajudar os segmentos acometidos pela enfermidade alvo das ações humanísticas aqui desenvolvidas.

Sistematizam uma variedade de estratégias possíveis para prestarem esse tipo de solidariedade. Fazem atividades de artesanato ou simplesmente ajudam com uma conversa, um diálogo, para ajudar na compreensão do sofrimento de cada uma das personagens motivo do trabalho jornalístico aqui proposto.

A humanização dos relatos e das histórias de vida no contexto jornalístico é uma meta a ser perseguida pelos repórteres e noticiaristas em seu trabalho cotidiano. Ensinam os manuais de redação e as orientações de empresas de jornalismo. Tais recomendações são defendidas e enaltecidas pelos professores de jornalismo dos cursos de comunicação espalhados pelo mundo afora. Nem sempre a lição é obedecida ou praticada com firmeza e honestidade. É preciso compreender experiências registradas no trabalho construído para a sensibilização em prol de uma nova consciência sobre a dores e sofrimentos dos segmentos sociais registrados e difundidos nos espaços jornalísticos que um Mestrado Profissional de Jornalismo propõe.

# VIDAS SOLIDÁRIAS E O JORNALISMO HUMANIZADO COMO MANEIRA DE REGISTRÁ-LAS

## APRESENTAÇÃO

Gloria Rabay

Este livro é fruto de uma disciplina do Mestrado de Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, que discutiu o Jornalismo Biográfico. Além disso, o livro faz parte da produção do grupo de pesquisa Narrar - Narrativas Jornalísticas e Processos Produtivos, onde incentivamos práticas jornalísticas com narrativas humanizadas e liberdade criativa.

A principal ferramenta da/o jornalista quando busca mergulhar na vida de sua personagem é a entrevista em profundidade, nela se convida a fonte para estabelecer uma conversa, um diálogo possível. Daqueles em que um e outro – “entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro”. Se modificam, algo acontece que os “perturba”, como diria Cremilda Medina (2008).

Podemos dizer que as entrevistas centradas na personagem foram oportunidades em que as entrevistadas lembraram e se reapropriaram de suas histórias, legitimando e fortalecendo

seus propósitos. Mas também “perturbaram” as/os jornalistas que se dispuseram a contar histórias de mulheres tão generosas. Foi por isso que a jornalista Lorena Andrade, “em cinco minutos de prosa”, estava se sentindo em casa quando foi entrevistar Dona Niedja. “A conversa fluiu sem pressa” conta Lorena, que nem viu a hora passar. Neste dia, a jornalista voltou para casa refletindo sobre a conversa e se perguntando: “Como é possível aprender tanto com uma pessoa desconhecida?”

O jornalismo quando não é feito apenas dentro da redação e em frente a um computador, dá a oportunidade de mostrar uma realidade que extrapola as concepções do jornalista e do senso comum. Foi o que aconteceu com Débora Freire que além de ter feito um mergulho junto com sua entrevistada pode desfazer a impressão que o Hospital Napoleão Laureano, especializado no tratamento do câncer, era um lugar sombrio. Lá ela pode cantar ‘Hallelujah’!

Cristina Dias, Débora Freire, Gil Aciolly, Lorena Andrade e Marcos Vital com suas personagens nos emocionam, nos fazem pensar que outro jornalismo é possível, que outro mundo é possível! Se tivermos a força e a generosidade das mulheres cujos perfis estão aqui publicados.

Em **Vidas Solidárias**, o grupo perfilou cinco mulheres que há anos dedicam parte de seu tempo realizando trabalhos voluntários em instituições de tratamento do câncer em João Pessoa-PB e Recife-PE. O voluntariado mobiliza milhares de pessoas em todo o mundo. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia

e Estatística - IBGE, em 2017 e publicados em 2018<sup>1</sup>, mostram que no Brasil, 7,2 milhões de pessoas de 14 anos ou mais idade estavam engajadas em trabalhos voluntários naquele ano. Este número corresponde a uma taxa de 4,4% da população brasileira. O Nordeste é a região do país com a menor taxa de realização de trabalhos voluntários, com apenas 3,1% de pessoas de 14 anos ou mais idade envolvidas em trabalho voluntário, conforme a publicação.

Em todo o país a taxa de realização de trabalho voluntário era maior entre as mulheres (5,0%) e entre as pessoas ocupadas (4,6%). Segundo o estudo, o envolvimento em trabalho voluntário, em geral, cresce com a idade em boa parte do país, exceto nas Regiões Norte e Nordeste, onde a maior taxa ocorreu entre as pessoas de 25 a 49 anos de idade (5,5% e 3,5%, respectivamente). Na região Sul, a PNAD encontrou uma taxa de 6% de pessoas de 50 anos ou mais de idade envolvidas, em 2017, em trabalhos voluntários.

Quando se analisa o nível de instrução, os dados mostram que a realização de trabalho voluntário aumenta com a escolaridade. Enquanto entre as pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto a taxa de envolvimento era de 2,9%, para aquelas com ensino superior completo a taxa chegou a 8,0%, tendência observada em todas as regiões do país.

O registro do trabalho voluntário no Brasil data do início da colonização. Essas atividades estavam voltadas à assistencial social, notadamente aos orfanatos e hospitais vinculados à Igreja

---

<sup>1</sup> IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em <<https://static.poder360.com.br/2020/05/relatorio-ibge-outras-formas-de-trabalho-2018.pdf>> . Acesso em 24.jun.2020

Católica que já no século XVI prestava este tipo assistência de maneira caritativa, envolvendo seus fiéis, em especial as mulheres. As Irmandades e Santas Casas de Misericórdia datam desta época e dependiam unicamente das doações de fiéis para manter sua assistência às crianças abandonadas e doentes desvalidos. Muitos estudos apontam as contradições destas caridades, uma vez que as doações eram feitas e celebradas pela mesma elite executora de políticas de dominação e exclusão, cujas contradições geravam conflitos e crises que acabavam sendo negociados através das políticas de doação (FALEIROS, 1995, p. 234/235).

Religião e caridade estavam fortemente ligadas até início do século XX, quando outras organizações se envolveram com a assistência social e ela adquire um caráter mais laico. O envolvimento do Estado com a assistência social no Brasil só vai se consolidar a partir da chamada Revolução de 30, quando as forças políticas incorporam a questão social entre as suas bandeiras e a prestação de atendimentos aos necessitados dá início ao denominado “Estado de Bem Estar Social”.

O peso do papel do Estado no provimento da assistência à saúde só vai se consolidar no Brasil após a II Guerra Mundial, quando a sociedade já clamava por um atendimento mais profissional e universal. Mesmo assim, a atitude do Estado era de cooperação e uma série de estratégias incentivava a sociedade civil e as instituições privadas a manterem o socorro à população mais carente. Assistência feita por caridade, merecimento e compadrio, princípios que norteavam as ações filantrópicas, já que a noção de direito não estava plenamente difundida na sociedade.

A partir da década de 1950, pode se falar em uma transformação do voluntariado no Brasil e da assistência social quando os movimentos sociais, ao denunciarem a extrema pobreza e exploração que vive a população, passaram a cobrar maior intervenção do Estado nas políticas públicas de assistência social e a popularizar o sentido de “ter direitos”. Embora fortemente reprimida pela ditadura instaurada no país em 1964, a sociedade civil, após a abertura política, na década de 1980, conseguiu ampliar o sentido do voluntariado e do acesso à justiça social.

O IBGE (2018), na pesquisa já mencionada, também mostrou que a maioria das pessoas que realiza trabalho voluntário o faz através de uma empresa, organização ou instituição e que este trabalho se realiza, em grande parte, em congregações religiosas, sindicatos, condomínios, partidos políticos, escolas, hospitais ou asilos (79,9% em 2017). Todas as voluntárias entrevistadas participam da Rede Feminina de Combate ao Câncer. A RFCC, em Recife, organiza um grupo com cerca de 300 pessoas, em João Pessoa o grupo conta com aproximadamente 200 colaboradores. Nos dois grupos, cerca de 90% dos componentes são mulheres, de classe média baixa, donas de casa, com parentes que dependem do cuidado delas. Entre as cinco entrevistadas, duas tinham ocupação geradora de renda e as outras eram aposentadas. A faixa etária das entrevistadas variou entre 43 e 63 anos.

Os dados da pesquisa do IBGE mostram que metade das/os as/os voluntárias/os realizavam o trabalho voluntário quatro ou mais vezes por mês, e em média dedicavam semanalmente cerca de seis horas e meia. As mulheres aqui perfiladas dedicam seu tempo ao Hospital do Câncer há mais de dez anos e todas

o fazem pelo menos uma vez por semana. Sendo que três delas declararam trabalhar mais de três expedientes por semana.

Alguns críticos das atividades voluntárias apontam o caráter assistencialista e a tentativa de compensar a omissão do Estado quanto às suas responsabilidades frente às necessidades da população. No entanto, uma parcela crescente na sociedade, afirma “que o voluntariado está sofrendo alterações e, por isso, essa vertente assistencialista vem sendo abandonada e substituída por determinações éticas, desenvolvidas em torno dos conceitos de solidariedade e de organização da sociedade civil” (CALDANA; SOUZA; CAMILOTO, 2012, p.171).

A solidariedade, o altruísmo, a necessidade de autoconhecimento e de dar sentido à vida, ou o desejo que ganhar experiência profissional estão sempre entre os motivos mais citados nas pesquisas sobre motivação para esta atividade e inserção no trabalho voluntário. São por estas razões também que as mulheres aqui perfiladas dedicam parte de sua vida ao trabalho voluntário. “Não existe nada melhor do que fazer o outro feliz, ver o outro rir”, diz Dona Niedja, uma das entrevistadas.

Jaísa ficou curada de um câncer e teve, segundo declara, o coração invadido pelo sentimento de gratidão que a fez tornar-se voluntária no hospital que a acolheu durante sua enfermidade, sente que “é obrigação” diante de tudo o que recebeu de Deus e dos profissionais que a atenderam. Esse sentimento de retribuição é comum entre as nossas perfiladas. Embora Dona Niedja faça questão de ressaltar que não o faz porque já teve câncer, mas porque sempre gostou de ajudar. Quatro entre as cinco mulheres entrevistadas travaram, elas ou algum parente próximo,



em algum momento de suas vidas uma luta pela saúde dentro do Hospital onde, na ocasião das entrevistas, exerciam trabalho voluntário.

O vínculo do trabalho voluntário com a religião está nas origens da prática, como visto. O imperativo da reciprocidade (por graças recebidas) e da obrigação religiosa está subentendido nas explicações que as entrevistadas deram para tanta dedicação. Todas as perfiladas mencionaram a força da sua fé, em algum momento do depoimento. Mas é o argumento do amor ao próximo que prevalece “Você faz por amor, por querer ajudar o outro”, diz Dona Niedja, e garante que não está “fazendo o bem para barganhar com Deus”. “É um trabalho que a gente faz por amor!”, declara Lourdinha, a palhaça Bom Te Ver.

Como a andorinha da fábula usada por Betinho<sup>2</sup> para falar de solidariedade, essas mulheres sabem que é necessário muito mais para amenizar o sofrimento dos pacientes com câncer, mas fazem a parte delas. Como Jaísa diz: “É pouco o que faço, mas sei que de alguma forma estou ajudando a minimizar o sofrimento de algumas pessoas”.

Além do amor ao próximo, as mulheres também falam sobre um aprendizado no seio da família como determinante para o gosto pelo trabalho voluntário. Márcia Serpa, então presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer, declara que o gosto pelo voluntariado nasceu na infância, ao ver a mãe assistir aos

---

<sup>2</sup> Houve um incêndio na floresta e enquanto todos os bichos corriam apavorados, um pequeno beija-flor ia do rio para o incêndio levando gotinhas de água em seu bico. O leão, vendo aquilo, perguntou para o beija-flor: “Ô beija-flor, você acha que vai conseguir apagar o incêndio sozinho?” E o beija-flor respondeu: “Eu não sei se vou conseguir, mas estou fazendo a minha parte”. Disponível em < <http://www.truco.com.br/beijaflor/betinho.html> > Acesso em 25.jun.2020

mais pobres. Ou o pai de Bom Te Ver, que em suas lembranças é retratado como um homem que procurava fazer o bem e a quem ela atribui o aprendizado do amor ao próximo.

Os/As voluntários/as realizam um importante papel na humanização do ambiente hospitalar tido como frio e asséptico também do ponto de vista dos afetos. O trabalho voluntário no âmbito hospitalar pode ser realizado de diferentes formas e em variadas áreas. E embora as atividades das/os voluntárias/os possam complementar as tarefas das/os profissionais de saúde, elas não podem substituí-las, muito menos as ações que são obrigações do poder público. No entanto, com a precarização e limites dos recursos públicos, o voluntariado assume “um papel compensatório, com tantas demandas que, muitas vezes, os voluntários sentem-se responsáveis pela solução de problemas que não seriam de sua alçada” (NOGUEIRA-MARTINS; BERSUSA; SIQUEIRA, 2010, p.945). Jaílsa, que é uma das responsáveis pela distribuição de lanches entre os pacientes do ambulatório, se mostrava preocupada no primeiro dia em que foi contatada para dar a entrevista para este livro. As mil lancheiras preparadas pelo grupo, não seriam suficientes para todos os pacientes e acompanhantes que estavam no ambulatório.

Jaílsa, que distribui os lanches no Hospital Napoleão Laureano, trabalhava como enfermeira e como professora do ensino superior, hoje está aposentada precocemente em virtude do câncer que teve. O exemplo da ex-enfermeira mostra que vários fatores interferem no alinhamento da/o cidadã/o com o trabalho a ser desenvolvido de forma voluntária, que deve considerar não apenas as competências, mas os desejos e motivos que le-

vam alguém a este tipo de trabalho (CASTRO, 2020). Há muitas formas de se colocar para o serviço nos hospitais de tratamento do câncer: ajudar no atendimento, na distribuição de lanches, na distração de pacientes, na confecção de perucas e artesanato, na administração, na escuta e o mais importante: na oferta do que for possível para amenizar a dor, por isso, Jaílsa sempre pergunta “amor, você quer?”. E os pacientes sempre querem.

## Referências

CALDANA, A. C. F., Souza, L. B., Camiloto, C. M. Sentidos das ações voluntárias: desafios e limites para a organização do trabalho. In *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 170-177 (2012). Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/19.pdf>>. Acesso em 10.jun.2020

CASTRO, Maria da Conceição. Um espaço de discussão, compartilhamento e aprendizagem. In: Perez, Clotilde e Junqueira, Luciano Prates (orgs). *Voluntariado e a Gestão das políticas sociais*. Futura. São Paulo, 2002.

MEDINA. Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2001. 96 p.

FALEIROS, Eva Teresinha Silveira. A criança e o adolescente: objetos sem valor no Brasil Colônia e no Império. In: *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1995.

NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini; BERSUSA, Ana Aparecida Sanches; SIQUEIRA, Siomara Roberta. Humanização e voluntariado: estudo qualitativo em hospitais públicos. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v.44,n. 5,p.942-949, Oct.2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102010000500020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000500020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 June 2020.

NIEDJA SEIXAS  
A DONA DO SORRISO QUE  
DEIXA A DOR SUAVE



Lorena Andrade

- Tudo bem? - pergunto no nosso primeiro encontro -
- Comigo está sempre tudo muito bem, minha filha.

A nossa primeira conversa acontece numa manhã de quarta-feira em uma sala espaçosa e barulhenta do Hospital de Câncer de Pernambuco, no bairro de Santo Amaro, área central do Recife. Nos conhecemos por acaso durante a minha visita ao hospital. Baixinha, dona de um cabelo curto e grisalho, tem um estilo simples de se vestir, além de uma voz doce e serena. Fica tímida quando digo que quero conversar com ela, mas aceita e já vai logo se desculpendo por não poder parar o serviço para falar comigo. Está costurando metros e metros de cabelo que vão virar perucas e proteger a autoestima de muitas mulheres.

Entre uma costura e outra, me conta que, apesar de ser aposentada, sempre teve gosto por trabalhar. Já foi funcionária de banco, armarinho e o que mais aparecesse no caminho. O importante era não ficar parada. Mas também sempre teve prazer em ajudar ao próximo. Já realizava trabalho voluntário no centro espírita que frequenta, mas queria ir além.

Dona Niedja Seixas tem 64 anos e, embora se considere pau-para-toda-obra, com cabelo ela nunca tinha trabalhado antes. Em determinado fim de semana de 2014, leu em uma matéria no Jornal do Commercio que o HCP estava precisando de voluntários para essa função. Na segunda-feira, ligou se candidatando. Na quarta, já estava no cargo. A unidade de saúde existe há 70 anos e funciona graças a doações, atendendo de forma gratuita a cerca de 55% dos pacientes oncológicos de Pernambuco.

— Quer ver eu ficar feliz? É quando eu costuro aquela “montanha” de cabelo e depois vou medir e vejo que tem 20

metros, porque eu sei que vai render um bocado de peruca. Não existe nada melhor do que fazer o outro feliz, ver o outro rir. Tem gente que chega lá tão “pra baixo” e o nosso trabalho acaba mudando isso e trazendo o sorriso de volta.

Dona Niedja integra o grupo de mais de 200 pessoas que realizam voluntariado no Hospital de Câncer. Conhecido como “anjos rosa”, em referência à cor do jaleco que os voluntários usam, o grupo é organizado pela Rede Feminina, instituição filantrópica de apoio aos pacientes do hospital. O trabalho voluntário acontece em diversas áreas do local, como o setor de mama, bazar, odontologia... Niedja foi escalada para a parte das perucas e, desde 2014, dedica-se com afinco à costura das cabeleiras para as pacientes que se tratam na unidade de saúde e as que mais precisarem. Perfeccionista que é, seu primeiro ano de voluntariado foi concentrado em aperfeiçoar as técnicas de costura.

— Queria fazer algo esteticamente mais bonito e também mais confortável para as mulheres que estavam usando. Sou perfeccionista, não consigo fazer nada de qualquer jeito - me conta enquanto costura.

Ela é meticulosa em tudo. Recentemente, me revela, precisou fazer uma cirurgia no pé após levar uma queda. O motivo do baque? Estava ajustando os últimos detalhes da pintura da parede de um apartamento que tem com o marido, se desequilibrou e caiu. Recuperada, continua se dedicando ao que ama. No auge dos seus 64 anos, todas as quartas sai bem cedo de casa em direção ao hospital. Por volta das 6h30 da manhã ela já está com seu jaleco rosa costurando na sala do Projeto Rendarte. Só vai embora à tarde. O percurso é rápido, cerca de seis quilômetros,

mas, como cuida da neta de 9 anos, ela só consegue ir ao HCP uma vez por semana. Paga um hotelzinho para a garota ficar no dia em que ela está no hospital.

Percebendo a demanda alta para a produção das perucas, dona Niedja sentiu que podia fazer mais, um dia não era suficiente. Levou o voluntariado para casa e, contando com a ajuda do marido, comprou uma máquina de costura industrial com o próprio dinheiro. O terraço apertado virou o seu ateliê. Todas as tardes da semana são dedicadas à costura das telas que, após prontas, dão vida às perucas. São metros e metros de cabelo e muitas horas costurando.

— Perco a noção do tempo... Quando eu vejo, já está de noite. É muito gratificante, emocionante, me preenche. Eu não me importo de trazer o trabalho pra casa, passo a tarde costurando. Eu me sinto realizada fazendo esse trabalho. Não faço isso porque eu já tive câncer, e sim porque sempre gostei de ajudar.

\*\*

A casa aconchegante de número 49 e de primeiro andar está localizada numa rua bucólica em meio ao caos e barulho do Recife. A residência silenciosa fica no bairro de Casa Amarela, na Zona Norte da capital pernambucana. Dona Niedja e o marido, Aluizio Ângelo, moram no local há 30 anos e, recentemente, a filha, Ranny Faria, e a neta Endy Faria se juntaram a eles. Chego tímida para o nosso segundo encontro, mas ela já me manda logo entrar e chama a neta para me conhecer. É tarde de uma sexta-feira ensolarada. Nossa conversa acontece na sala da residência espaçosa. Em cinco minutos de prosa, estou me sentindo em casa. A conversa flui sem pressa e nem vemos a hora passar.

Ela gosta de conversar, observar, olhar no olho - e isso é nítido, mas ela faz questão de verbalizar para mim. Essa característica “conversadeira”, dona Niedja me diz, às vezes faz a diferença no Hospital de Câncer.



— Eu gosto de dar importância à pessoa. Às vezes chegam algumas pessoas deprimidas lá no hospital e eu converso, dou apoio, para poder tirar elas daquele sufoco e não entrar numa possível depressão. A dor que eles passam, eu já passei, então, eu entendo mais ainda do que a maioria das voluntárias, já que nem todas tiveram câncer.

O câncer no reto foi descoberto em 2009. Foram nove meses de sofrimento intenso, como dona Niedja mesmo denomina, até conseguir a tão sonhada cura. Fez cirurgia e todo o tratamento no Hospital Português, unidade de saúde particular localizada também na área central do Recife. Alérgica, não fez quimio-



terapia, mas precisou ser submetida à radioterapia e teve todas as sete reações que os médicos apontaram como possíveis. Positiva que é, nem assim perdeu as esperanças. O sorriso continuou onde sempre esteve: no rosto de dona Niedja.

— A minha pele estava tão irritada e vermelha, que ficou em carne viva. Eu me coçava sem parar, era enlouquecedor. Só usava saia ou vestidos, porque não aguentava de dor. Eu sofri muito, mas eu só pensava que o sorriso faz a dor ficar mais suave. Minha médica diz que queria que 1% dos pacientes dela fosse feito eu.

Na época da doença, os filhos quiseram abandonar os empregos para cuidar de dona Niedja durante o período do tratamento, mas, determinada que é, a baixinha forte e corajosa prontamente negou a ajuda. Transformou a sala de estar da casa em uma sala de recuperação e passava o dia se revezando entre a cama e uma bacia de água com camomila instalada no sofá para aliviar as dores.

— Quando eu for uma doente terminal, alguém vai ter que se sacrificar para cuidar de mim, mas naquele momento não era o caso, então eu conseguia me virar. Eu ficava sozinha em casa, mas minha filha deixava tudo pronto - conta com a voz firme e um olhar convicto de que fez a coisa certa.

Superou. Hoje, tenta aliviar a dor de quem ainda tenta superar a doença devastadora e dolorosa que é o câncer. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017 aponta que 7,4 milhões de pessoas seguem os passos de dona Niedja e realizam trabalho voluntário no Brasil. O número corresponde a 4,4% da população de 14 anos ou

mais. A maioria dessas pessoas é formada por mulheres. Mulheres como dona Niedja, que se dividem entre o trabalho, afazeres domésticos e a filantropia.

O voluntário é descrito pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o “jovem, adulto ou idoso que, devido a seu interesse pessoal e seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração, a diversas formas de atividades de bem estar social ou outros campos”<sup>1</sup>. Em 1998, foi criada a Lei do Voluntariado, nº 9.608, que define a atividade como “não-remunerada prestada por alguém a uma entidade pública ou instituição sem fins lucrativos com objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social”<sup>2</sup>. A recompensa pelo trabalho vem, mas não em forma de dinheiro, presentes ou benefícios. Niedja sabe bem disso e conhece as recompensas que recebe por realizar o trabalho voluntário. Desses cinco anos de voluntariado, não esquece o dia em que entregou uma peruca a uma menina de 6 anos que se tratava no Hospital de Câncer. Foi a primeira e única vez que fez isso. — Cheguei no quarto e ela estava deitada em posição fetal. Quando mostrei a peruca, ela sentou e abriu um sorriso enorme. Ficou feliz da vida, na maior satisfação do mundo. Quando saí de lá, me desmanchei todinha em choro. Só em ver um sorriso daquele, já fez tudo valer a pena.

\*\*

Durante a nossa conversa, o nome Endy é repetido diversas vezes. É que o apego que dona Niedja já tinha pela família aumentou ainda mais após a chegada da netinha, com 9 anos. Como uma boa dupla, Endy e a avó combinam em tudo, até nos

---

1 Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/vagas/voluntariado/>>.

2 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/LEIS/L9608.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/LEIS/L9608.htm)>.

óculos de grau, que se diferenciam apenas em uma cor. A garotinha vive aos cuidados de dona Niedja, com quem mora. Em minha visita à casa da família, a avó orgulhosa fez questão de me apresentar à neta. Simpática, a criança parou a brincadeira no primeiro andar da residência e desceu para me cumprimentar. Os cabelos longos e os olhos azuis ficam ainda mais bonitos com o sorriso enorme e verdadeiro que abriu ao se apresentar a mim.

— Endy é uma menina gentil, simpática, agradável... é amada por todo mundo. Às vezes pego no pé, porque tenho que educar, mas faz parte - diz dona Niedja.

“Nunca se esqueça, nem um segundo, que eu tenho o amor maior do mundo. Como é grande o meu amor por você”. A música “Como é grande o meu amor por você”, do cantor Roberto Carlos, era entoada por dona Niedja todas as vezes que a netinha Endy chorava incontrolavelmente, ainda recém-nascida. Ranny, mãe de primeira viagem, se desesperava e apelava pela ajuda da mãe experiente. Dona Niedja abraçava, aconchegava Endy no peito e entoava a canção do Rei com muito amor e cuidado. À medida que a música era cantarolada baixinho, a bebê se acalmava e o choro era cessado. A letra acabou ganhando o título de música das duas.

A relação de amor extremo entre elas já existia antes mesmo de dona Niedja conseguir tocá-la e tê-la nos braços. Ainda no ventre da mãe, Endy já era sinônimo de força para a avó. Não deu trabalho para nascer. Chegou no dia 23 de fevereiro de 2010, às 6h da manhã - três horas após a bolsa da mãe estourar. Na época, ainda restavam três radioterapias para o tratamento do câncer da avó ser finalizado. O serzinho branquinho de olhos azuis se-

quer sabia seu nome, nem onde estava, muito menos quem eram aqueles adultos a sua volta, mas já chegou transformando a vida de todo mundo.

— Ela veio para dar um gás, para eu ter combustível para eu conseguir terminar meu tratamento e continuar na minha luta. Ela foi fundamental. Quando os meses se passaram, após o nascimento dela, ela foi crescendo, desenvolvendo, e eu cada vez me recuperando melhor - revela a avó apaixonada.

Niedja tem a família como porto seguro. Cuida de todos com atenção e capricho e faz questão de tê-los por perto. Nos fins de semana, corre para a casa de praia da família, em Itamaracá, no Grande Recife.

— Sou caseira, adoro ficar em casa, não faço questão de sair. Me satisfaço só em estar com a minha família - diz com um sorriso orgulhoso no rosto.

\*\*

Durante a nossa conversa, dona Niedja fala sobre Deus por diversas vezes. Nem precisa me confessar que é religiosa, já está estampado, mas me conta que frequenta um centro espírita e que tudo aquilo que faz é pensando em Deus. A fé também foi o combustível necessário para ela superar os momentos difíceis.

— Tudo depende da sua visão, do seu olhar. Aquilo que você acha que é ruim, você pode tirar muitas coisas, muitas lições. Deus não quer ver você só na hora que você está bonita, saudável... Na hora que você está doente, Deus quer ver como você vai se comportar, como nós passamos pela adversidade. É difícil e para mim também foi difícil, mas não podemos nos desesperar - diz com a voz calma.

O voluntariado não apenas engrandeceu dona Niedja como também a modificou. A paciência, antes curta, passou a ser trabalhada num exercício diário de serenidade e equilíbrio. A humanidade foi reforçada. Seus valores, também. Uma mudança que prova que o amor multiplicado transforma.

— Costurar cabelo é muito difícil, requer muita paciência, mas a mim foi dada essa função. Então, eu penso: “foi doado com amor, não posso perder a paciência e não fazer isso. Então, respiro e mentalizo que tudo vai dar certo. Ali é uma verdadeira aula para gente aprender, para tomar o ‘eu’ da gente. Muitas vezes nós somos intransigentes com muitas coisas e a convivência no hospital faz a gente ir perdendo isso. Você faz por amor, por querer ajudar o outro. Eu me reeduquei muito depois que entrei lá.”

— Não estou fazendo o bem para barganhar com Deus, nem para “aparecer”, fazer propaganda. Eu faço pensando no outro, na felicidade do outro. Se eu faço pensando apenas em mim, vai ter sempre uma pontinha de orgulho, egoísmo, ego, e isso não é bom.

Volto para casa refletindo sobre as nossas conversas. Como é possível aprender tanto em duas manhãs com uma pessoa desconhecida? Escrever um perfil é mais difícil do que imaginei, mas é, mais ainda, extremamente engrandecedor. Um mergulho no autoconhecimento com a ajuda de quem sequer me conhece.

# Márcia Serpa

## A MULHER CENTOPEIA



Marcos Vital

Procurei chegar pontualmente no horário estipulado pela presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer na Paraíba para minha primeira conversa com ela. Márcia Concília de Vasconcelos Serpa tem uma agenda apertada e, por essa razão, procurei não me atrasar para a entrevista que havíamos marcado poucos dias antes.

Ao entrar na sede da RFCC, situada em Jaguaribe, um bairro tradicional da capital paraibana, fui gentilmente recepcionado por um senhor, de cujo nome não me lembro agora, tampouco sei se era voluntário ou funcionário da Rede. Entretanto, recordo muito bem que foi bastante cordial comigo, ao pedir para que eu me sentasse em um sofá e ao perguntar se eu gostaria de um café ou de uma água, enquanto esperava para ser atendido por Márcia Serpa.

A princípio não me sentei, pois vi algo pelo que sou fascinado. Galerias de retratos de ex-presidentes de instituições chamam minha atenção. Não sei se isso se deve ao fato de eu ser jornalista e gostar de história ou à minha natureza própria de animal curioso. Na sala da recepção, havia na parede quadros moldurados com fotografias de todas as ex-presidentes da Rede Feminina de Combate ao Câncer na Paraíba e ainda, um pouco mais afastada, em destaque em uma outra parede da mesma sala, a foto de Márcia Serpa, a sétima presidente da RFCC em nosso estado.

Não demorou muito e ela apareceu, vestida com um uniforme cor-de-rosa, roupa característica de quem exerce o trabalho como voluntária na Rede Feminina de Combate ao Câncer. Márcia convidou-me para entrar no escritório da diretoria e mos-

trou-se disposta a responder aos questionamentos sobre sua trajetória como membro e como gestora da instituição na Paraíba. A presidente é natural de Maceió, Alagoas; mas, ainda criança, veio com os pais, um militar e uma funcionária pública federal, fixar residência em João Pessoa. Ela é casada há 43 anos com Máximo Malheiros Serpa, com quem tem dois filhos: Máximo Malheiros Serpa Júnior e Manuella de Vasconcelos Serpa.

Márcia Serpa está no segundo mandato à frente da Rede Feminina, instituição sem fins lucrativos, criada em 1962 por um grupo de voluntárias, cujo intuito reside em desenvolver atividades de cunho social com base na solidariedade e ajuda das pessoas, em benefício do paciente carente em tratamento contra o câncer.

Ela revelou que a vontade de ajudar o próximo, sobretudo aqueles necessitados de recursos financeiros ou de apoio moral, surgiu quando era menina. Ela acompanhava a mãe em visitas à comunidade do Varjão, em João Pessoa, na distribuição de enxovais de bebê a grávidas carentes.

–A minha mãe era funcionária pública do INSS, que antigamente se chamava IAPI<sup>1</sup>, mas ela sempre costurou enxovais de bebê para serem distribuídos em comunidades pobres. Ela sempre promoveu o Natal de comunidades carentes. Então, eu ia com ela para fazer a distribuição.

Como a família de Márcia morava em uma vila militar no bairro do Rangel, bem próximo a comunidades de famílias necessitadas, ela pôde vivenciar desde cedo o sofrimento das pessoas

<sup>1</sup> Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. Criado em 1936, foi fundido, em 1966, com cinco institutos de pensões de outras categorias de empregados, formando o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Por sua vez, em 1990, foi criado o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), a partir da fusão do INPS e do IAPAS.



que careciam do básico para sobreviver e também assistir a ações de solidariedade como aquelas empreendidas por sua mãe.



– O exemplo de minha mãe me estimulou a querer ajudar o próximo. Eu passei então a fazer também esse trabalho na mesma localidade e sempre gostei.

A presidente da RFCC disse que mesmo depois de se casar e ir morar no interior do Pará, na cidade de Paragominas, não se esqueceu dos mais necessitados. Trabalhando como professora do ensino fundamental, continuou, na medida do possível, a realizar ações de caridade, ao auxiliar o Rotary

Club em serviços junto a comunidades carentes.

Ela fora residir em Paragominas para acompanhar o marido, o qual havia sido convidado pelo pai, um agropecuarista, a tomar conta das terras que ele mantinha no interior daquele estado. Como o marido vivia da agricultura e uma sucessão de pragas devastou praticamente toda a lavoura da propriedade, o casal teve que voltar a João Pessoa, onde Márcia continuou a dar aulas a jovens estudantes, mas por pouco tempo, pois logo foi convidada a trabalhar na Prefeitura Municipal de Sapé, no interior da Paraíba, na área da Ação Social.

– Meu trabalho era exclusivamente feito com pessoas carentes. Ao realizar aquela atividade, acabei por perceber que os projetos de ação social eram o trabalho com o qual eu mais me identificava e que aquilo era o que eu já fazia há bastante tempo e não sabia. Até então, eu não tinha noção de que eu já levava jeito para lidar com necessidades alheias e tentar ajudar pessoas.

Ao longo de mais de trinta anos, Márcia Serpa esteve envolvida em diversas atividades de natureza social. Foi gerente de núcleo da antiga Febem (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor); participou do Movimento de Meninos e Meninas de Rua de João Pessoa; lutou pela implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente; fez parte do primeiro grupo de mulheres a conseguir implantar um Conselho da Criança e do Adolescente em João Pessoa; trabalhou na Fundac (Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente), antiga Febemaa (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor “Alice de Almeida”), e acabou por assumir o Núcleo de Profissionalização de Infratores, onde desenvolveu um trabalho de ressocialização com meninos que estavam cumprindo medidas socioeducativas na semiliberdade.

A experiência adquirida com as funções que exercera a credenciaram a ser uma espécie de “coringa” dentro da Fundac, pois sempre era chamada para tratar das grandes incumbências que se apresentavam no âmbito das responsabilidades que cabiam à Fundação.

– Com o trabalho que eu vinha fazendo, eu sempre era convocada pela Fundac quando da necessidade de consertar al-

gum núcleo. A diretoria costumava dizer: “chama Márcia que ela dá conta”.

Continuou na Fundac até se aposentar. Embora ocupasse um cargo técnico dentro daquela fundação, durante um tempo, por razões políticas, sentiu-se perseguida e, por conseguinte, entrou em depressão. O trabalho com menores infratores não era fácil. Como diretora da semiliberdade, agiu para coibir certas práticas de transgressão de regras, cometidas tanto por alguns semi-internos quanto por um grupo de socioeducadores. Por isso, foi ameaçada de morte, sucumbiu à depressão e ficou dois anos sem trabalhar, cumprindo uma licença para tratamento de saúde. Na mesma época, descobriu que seu marido adquirira um câncer.

– O período de meu afastamento coincidiu com o do tratamento de meu esposo contra um câncer. Na impossibilidade de retornar ao trabalho na semiliberdade, cumpri só mais algum tempo de serviço em outro setor da repartição pública onde era lotada e, ao completar 33 anos de serviço e 55 anos de idade, eu me aposentei e vim ser voluntária na Rede Feminina de Combate ao Câncer.

O ano era 2011, quando começou a ir com o esposo periodicamente ao Hospital Napoleão Laureano, referência no tratamento oncológico em João Pessoa, para uma luta que perdura até hoje, com sessões de quimioterapia.

–Quando meu marido adoeceu, os exames revelaram que ele sofria de linfoma não-Hodgkin<sup>2</sup> tipo B. Na época, surgiram

---

<sup>2</sup> O linfoma não-Hodgkin (LNH) é um tipo de câncer que tem origem nas células do sistema linfático e que se espalha de maneira não ordenada. Existem mais de 20 tipos diferentes de linfoma não-Hodgkin. Fonte: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/linfoma-nao-hodgkin>

nove nódulos no pescoço. Num primeiro momento, ele fez uma cirurgia para a retirada do maior deles; em seguida, foi feito o exame imuno-histoquímico e ele iniciou o tratamento no Hospital Laureano. Desde então, o tratamento nunca parou, pois o câncer dele já reincidiu quatro vezes. Apesar de tudo, você olha para ele e diz que ele não tem câncer. Ele tem um alto astral, não tem medo de morrer. Ele luta! E ele não sente nada após cada medicação. O único efeito colateral do medicamento é que ele passa cerca de 24 horas acordado após cada sessão de químio.

Márcia define-se como inquieta, agitada, que não deixa nada para a última hora e quer resolver tudo logo. Como nunca gostou de ficar ociosa, procurou, desde os primeiros dias de tratamento do marido, já na recepção do hospital, ocupar-se com qualquer tipo de auxílio que pudesse trazer conforto a pacientes e a seus acompanhantes.

– Como eu gosto muito de conversar e sou muito ativa, uma médica chamada Flávia Pimenta me convidou para abordar os pacientes mais pobres, muitos deles vindos do interior, que estivessem precisando de uma injeção do medicamento MabThera, um remédio caro, usado no tratamento de alguns tipos de câncer e que custa cerca de seis mil reais uma única aplicação. Então, eu conversava com os pacientes e os ajudava a conseguir tal medicação na Secretaria de Saúde do Estado. Era um processo complicado e a luta era muito grande para adquiri-lo. Posso dizer que comecei o trabalho de voluntariado no Hospital Laureano assim: ajudando os pacientes da doutora Flávia na luta para conseguir o MabThera.

Não obstante sempre estivesse lutando de alguma maneira para a conquista de soluções definitivas ou de simples paliativos para abrandar o sofrimento dos enfermos, foi o trabalho como artesã que a fez ficar conhecida no Hospital Napoleão Laureano e depois na Rede Feminina de Combate ao Câncer na Paraíba.

– Enquanto aguardava meu esposo na saída de cada sessão de quimioterapia, eu via crianças chegando com os bracinhos cheios de soro e ficava me perguntando: o que eu posso fazer por essas crianças? Lembrei que minha neta havia ganhado um travesseiro com uma figura de uma centopeia bordada em uma das faces e pensei em fazer uns travesseirinhos desses para amparar os braços daquelas crianças na hora em que estivessem recebendo soro. Isso serviria até para distração delas, porque a “centopeia” tem uns pezinhos coloridos. Cada par de pés é de uma cor diferente.

Ela então comprou o material e foi fazer as “centopeias”. Todo mês, Márcia chegava com vinte “centopeias” para serem distribuídas. Aprendeu com a mãe a costurar e a bordar. Por ter o artesanato como um hobby, resolveu praticá-lo para acalantar crianças em tratamento contra o câncer.

Como ainda restava-lhe algum tempo de serviço público a ser integralizado antes da almejada aposentadoria, Márcia Serpa teve uma ideia que a ajudou a ampliar a produção de “centopeias” para as crianças do Laureano.

–Senti que, como funcionária pública estadual, eu dispunha de muito pouco recurso para confeccionar as “centopeias”. Aí então eu pensei: eu também vou vender “centopeias”. Comecei assim a fazer, lá na repartição pública onde trabalhava,

mostrando às pessoas e falando do propósito da venda. Houve aceitação e elas foram comprando. Todo o dinheiro que entrava era revertido em material para a confecção de mais “centopeias” para os pacientes e, assim, eu as distribuía em número cada vez maior.

Naquela ocasião, ela costumava ver mulheres com roupas cor-de-rosa circulando e conversando com pacientes do Hospital Laureano, mas não tinha sequer noção do que era a Rede Feminina de Combate ao Câncer e o papel desempenhado por aquelas mulheres dentro do voluntariado. Um certo dia, Márcia encontrou-se com uma voluntária da RFCC, que se aproximou dela e disse:

– Já tem quatro meses que eu a vejo aqui distribuindo esse travesseiro.

– Pois é! Meu marido está fazendo tratamento e eu sempre o acompanho e trago esses travesseiros para as crianças.

– Você conhece a Rede Feminina de Combate ao Câncer? Vamos conhecê-la?

– Vamos!

O nome da voluntária é Selma Gouveia. Foi ela quem trouxe Márcia Serpa até a Rede Feminina, onde foi muito bem recebida por um pessoal que trabalha como voluntário na quinta-feira, no primeiro andar da casa de apoio a pacientes com câncer, mantida pela instituição. Aquele foi o acolhimento necessário para despertar em Márcia a vontade de ajudar quem precisa por meio da Rede Feminina de Combate ao Câncer.

Na casa de apoio, Márcia passou a fazer a “centopeia” com os pacientes carentes do interior da Paraíba que lá se hospedam

enquanto estão em tratamento no Hospital Napoleão Laureano. Para ela, a confecção das “centopeias” juntamente com eles funciona como uma terapia ocupacional.

– Eu trazia os tecidos e aviamentos, cortava-os com eles, mas eles não costuravam, porque todo paciente que é doente, em tratamento contra o câncer, não quer pegar em agulha. Porém, eles colocavam o bordado em cima dos travesseiros e eu ia alfinetando com eles. No final de cada semana de trabalho, eu sorteava uma “centopeia” para estimulá-los a vir à mesa para dialogar e socializar-se, como até hoje a gente faz com outros trabalhos aqui na casa. Foi a partir daí, do trabalho com o bordado de “centopeias” em travesseiros, que surgiu a “mulher centopeia”. Assim eu comecei a ser conhecida, como a mulher centopeia da Rede Feminina e, com esse trabalho na casa, a gente passou a distribuir mais travesseiros entre pacientes.

As “centopeias” fizeram tanto sucesso, que até pacientes chegaram a comprá-las. Muitos adultos compravam-nas em grande número para levá-las para o interior e, desta maneira, tudo o que era arrecadado com as vendas revertia-se em mais dinheiro para a casa de acolhida. Até hoje as “centopeias” e outros artigos de artesanato produzidos na casa de apoio são vendidos em eventos como a Feira “Brasil Mostra Brasil”, uma multifeira onde são expostos e vendidos produtos dos mais variados segmentos do comércio em um único lugar.

Após descrever como foi seu primeiro contato com as pessoas e ações da Rede Feminina de Combate ao Câncer, eu perguntei à atual presidente da RFCC se houve algum ritual para o ingresso na instituição e se ela em algum momento chegou a pensar em desistir de fazer parte da equipe.

–Quando eu entrei aqui, passei por uma entrevista e um treinamento, se eu não me engano conduzido por Moema, ex-presidente da Rede. Além disso, tive experiências muito enriquecedoras e orientações de outras colegas como Etiene e Selma, que me fizeram aprender bastante sobre como é ser uma voluntária na Rede Feminina. Desde que comecei, eu não titubeei, eu já “entrei de cabeça”, vendo todas as necessidades de que a casa precisava.

Ela é enfática ao afirmar que foi na Rede Feminina que ela se encontrou. Contudo, não deixa de lamentar a existência de limites naturais e daqueles impostos pelos próprios homens em momentos de busca por uma resolução para os problemas de saúde de muitas pessoas.

– Na Rede Feminina, a gente faz um trabalho muito difícil, porque a gente lida com vida e sabe que a saúde do outro e até a nossa própria muitas vezes não dependem da gente. A gente faz o que a gente pode pelo paciente, mas sabe que a saúde não faz. Então, isso dói. Eu mesma não tenho muita estrutura emocional para ir ao Hospital Laureano todos os dias, uma vez que eu vejo coisas lá que eu não posso mudar.

Ainda que haja dificuldades, como a falta de recursos financeiros, o que torna a estrutura do Hospital Napoleão Laureano - um centro médico administrado por uma fundação que sobrevive predominantemente da ajuda do poder público e de doações - insuficiente para atender a todas as demandas, Márcia acredita que se houver alguém, a exemplo dos voluntários da RFCC, que tenha coragem de brigar, este alguém pode ajudar a salvar vidas. Além disso, a presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer na Pa-



raíba crê que o voluntariado não só demonstra que é possível lutar como também ele é capaz de ensinar o paciente a assumir a luta por sua própria vida, em vez de somente chorar.

O apoio psicológico também é muito relevante. Esse talvez seja a maior de todas as ajudas que a Rede Feminina possa oferecer aos pacientes em tratamento contra o câncer.

– O segredo desse nosso trabalho está no acolhimento, porque não é só o doente que está precisando de apoio, de amor; é a família como um todo. Quando há alguém com câncer, não adoece só o paciente, mas a família toda que está junto dele adoece. A família precisa de apoio, de acolhimento, de visita, de conversa, de ouvir coisas boas, que animem, que deem esperança.

Márcia Serpa quer, antes de terminar o mandato como presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer na Paraíba, em março de 2019, estruturar um trabalho tanto na emergência do Hospital Laureano, como também na UTI, com vistas a prestar um maior apoio àquelas famílias fragilizadas, com parentes muitas vezes em fase terminal. O alento, no momento da morte, é parte do trabalho dos voluntários da RFCC.

– A família ainda quer acreditar que é possível um milagre, mas a gente sabe que o fim do ente querido dela está próximo. Muitos familiares precisam se conformar e, para acalentá-los, pedimos a eles que não façam orações suplicando a Deus para que o paciente viva, mas roguem para que Ele receba o espírito em descanso.

Tais conselhos são característicos de uma pessoa que tem fé em uma divindade superior. Márcia crê em Deus. É católica,

mas acredita que Deus está acima das religiões e, por ter em sua família seguidores da doutrina espírita e vários amigos protestantes, diz que o que importa é a palavra, o ensinamento.

A eleição dela para o primeiro mandato no comando da diretoria da Rede Feminina de Combate ao Câncer na Paraíba foi em 2015, por aclamação.

– Algum receio no princípio?

– Não! Quem já trabalhou com infratores não tem medo de nada. Eu poderia até concluir que fosse incapaz de realizar o trabalho aqui como gestora por causa dos desafios, mas o que me incomodava de fato era ter que falar em público.

O que a presidente da RFCC na realidade temia era discursar no dia da posse, a qual ocorreria durante uma cerimônia solene. Entretanto, esse medo foi superado, pois o então diretor do Hospital Laureano, Péricles Serafim, a desaconselhou a ler um discurso que escrevera em um papelzinho.

– Olhando para mim, ele disse: “faça isso não! Você tem tanta capacidade. Fale com seu coração!” Depois que ele me ensinou a falar com o coração, hoje eu acho que falo bastante com paixão. Com o coração a gente diz tudo, mesmo que a gente fale errado, mesmo que a gente deixe transparecer que está irritada com alguma coisa.

Márcia confessa que é muito braba e que às vezes diz coisas pesadas para chamar a atenção para a seriedade dos problemas, das circunstâncias.

– Às vezes eu sou desbocada. Já ouvi frases do tipo: “você diz coisas demais”. Sim, eu digo! Eu também não tenho o direito de errar!? Só que quando eu erro, eu reconheço meu erro e faço

por onde não errar mais, o que é muito difícil, ainda mais porque sou uma pessoa bem hiperativa.

De todos os desafios enfrentados no decurso dos dois mandatos como presidente da RFCC, ela destaca o maior de todos: a dificuldade financeira para manter a casa funcionando. Os maiores obstáculos ao seu trabalho não estão nas relações com as pessoas que a rodeiam, sejam voluntários, sejam funcionários, sejam pacientes. As grandes crises em sua gestão sempre estiveram relacionadas com a ausência de dinheiro. A batalha constante, permanente, trava-se para pôr os impostos em dia, pagar fornecedores e funcionários e evitar a perda do prédio que abriga a sede da RFCC e a casa de apoio, uma edificação cuja propriedade não pertence à Rede Feminina de Combate ao Câncer.

Como a entidade sobrevive às custas de doações e já possui um imagem positiva consolidada perante a sociedade, toda a diretoria ainda tem a obrigação de prezar por uma gestão baseada na transparência.

–A transparência sempre foi a marca da nossa administração. Tudo, absolutamente tudo, a gente divulga. Se um brechó arrecadou quinhentos reais, se uma festa rendeu isso ou aquilo e o que a gente fará com tal quantia. Isso porque temos que dar satisfação tanto a quem doa e colabora quanto aos mais de 200 voluntários. Eu posso não saber os nomes de todos e nem conhecer todos, mas sei de suas capacidades e de seus esforços.



Um dos orgulhos de Márcia Serpa é ter ao seu lado pessoas que a apoiam e a inspiram na luta enfrentada todos os dias pela RFCC. Ela salienta que a união e a parceria entre as voluntárias que compõem a diretoria é o que permite uma administração fluida, sem entraves. A presidente da Rede Feminina elogia o trabalho da equipe de gestão, composta por Graça Brito, Suzana Melo, Zita Gama, Fátima Vieira e Karla Bezerra.

– Eu acho que elas foram as pessoas que mais me ajudaram e que me ajudam até hoje. A gente não faz nada que não seja discutido antes, em equipe. Eu acho que esse entrelaçamento, essa cooperação, esse trabalho conjunto que nós fazemos é o que nos leva a tomar as decisões mais acertadas. Eu não tomo uma decisão importante sozinha, só se for em caso de urgência e não houver como saber da opinião das demais, pois eu gosto mesmo é de consultá-las antes de tomar qualquer atitude. Eu acho que quando você faz um trabalho desse, de voluntariado, você não é

dona de nada, você não manda em nada, você é mais um membro da comunidade a servir aos outros.

Márcia sente-se segura em afirmar que desde o momento de seu ingresso na RFCC até o fim do atual mandato como presidente da instituição sempre nutriu as melhores expectativas em relação a qualquer trabalho que fosse assumir na Rede, uma vez que não houve o mínimo impedimento tanto à sua entrada quanto à sua ascensão dentro da Rede Feminina de Combate ao Câncer.

Como filha de militar, ela aprendeu a ser rigorosa no cumprimento de regras. Ao dar o exemplo, Márcia fica à vontade para exigir ordem e respeito a normas de conduta que devem ser seguidas por todos os que fazem a RFCC. Para ser voluntário nesta causa, em primeiro lugar, o interessado deve dedicar-se a dar atenção ao paciente, saber do que o paciente está precisando, se ele tem condições financeiras para pagar por um ou outro procedimento, uma vez que uma das lutas da Rede Feminina de Combate ao Câncer tem como objetivo conseguir que o paciente não pague ou pague somente a metade do valor de um medicamento caro ou de um procedimento muito oneroso. Já em segundo lugar, é exigido disciplina daqueles que atuam no auxílio ao próximo. A presidente deixa o voluntário à vontade para escolher um dia por semana e apenas um turno nesse dia para se dedicar ao trabalho; porém, espera que ele seja responsável, evite cometer falhas e apresente-se de uma maneira que classifica como “comportada” de vestir-se, ou seja, use farda, um sapato fechado, roupas e calçados higienizados. Nem todo tipo de bijuteria é permitido. Para Márcia Serpa, a pessoa tem que estar de acordo com o ambiente e o que ele exige desse voluntário.

Todos os que servem na Rede costumam passar por alguma avaliação periódica. O corpo de voluntários é dividido por coordenações, e reuniões com todos os coordenadores são realizadas com frequência para saber deles como está a avaliação de cada um de seus subordinados. Desta forma, quem está no trabalho na casa não precisa se preocupar com o trabalho que está sendo praticado no Hospital Laureano, na emergência, ou na pediatria, ou na enfermaria, ou no ambulatório. Cada setor tem um coordenador e é a ele que a diretoria se reporta para que apresente um relato de como os trabalhos estão funcionando.

Com um sentimento de dever cumprido, Márcia descreve os feitos alcançados nos quatro anos de gestão à frente da Rede Feminina de Combate ao Câncer na Paraíba, os quais vão desde a instalação, na casa de apoio, de aparelhos de ar-condicionado em todas as enfermarias e a aquisição de equipamentos novos para a cozinha, até o empenho da diretoria para manter em dia a folha de pagamento de funcionários de dez mil reais por mês apenas com a ajuda de doações em dinheiro e da venda de produtos de artesanato feitos ali mesmo na casa de apoio. A presidente da RFCC ainda elenca cada um dos eventos e ações de mobilização definidos em um plano de trabalho com estratégias para angariar recursos financeiros, tão necessários ao cumprimento de todas as obrigações assumidas junto a empresas fornecedoras de materiais, a prestadoras de serviço, ao Poder Público e à própria sociedade, além de mostrar como a casa de apoio está organizada e como ela funciona, quais as atividades de entretenimento e quais os cuidados que dispõe aos pacientes que por lá transitam.

A conversa que tive com Márcia Serpa, não obstante fosse repleta de lamentações, também expôs hercúleos esforços e numerosas conquistas obtidas por pessoas que se entregam a um propósito altruísta, cujo único interesse encontra-se no bem-estar alheio. Embora haja motivos para que demonstre soberba em consequência da posição proeminente que ocupa na RFCC, Márcia diz não ser uma pessoa presunçosa.

– A única coisa que o peso do cargo de presidente me trouxe como consequência da qual eu não gostei foi status. Eu sou uma pessoa muito pé no chão, entende? Eu não tenho vaidade de aparecer. Eu quero é trabalhar! Isto foi a única coisa que me incomodou no início: a pose. Muitas vezes algumas pessoas chegavam a mim e diziam que há toda uma liturgia em torno do cargo e eu retrucava: que liturgia do cargo coisa nenhuma! Quando eu venho para cá e vejo que a casa precisa de uma faxina, eu ponho a mão na massa. Hoje mesmo, perguntei a quem estava por aqui: vamos lavar o chão agora? E todos disseram: “vamos!” E assim nós todos fomos lavá-lo. Não é porque eu sou presidente que eu tenho que estar acima de todos. Não! Eu tenho que estar com todos, fazendo com eles e para eles.

Nesta altura da entrevista, diante de mim vi uma mulher que dedicava tempo, energia e amor a uma causa. Teria tal mulher abdicado de uma vida social agitada ou de momentos importantes em família para devotar-se tanto a um trabalho que ela mesma dissera ser árduo, em razão de todos os empecilhos que descrevera? Não, pelo que eu pude perceber. Todo o tributo àquela missão na verdade tinha um cariz de paixão. Ainda assim, não resisti à curiosidade de saber como ela era em família e em sociedade e, portanto, fiz algumas indagações a respeito.

– De que maneira seu marido e seus filhos reagiram e vêm reagindo a sua decisão de dedicar-se aos propósitos da Rede Feminina de Combate ao Câncer?

– Tenho dois filhos. Tanto o rapaz quanto a moça já estão casados há mais de dez anos e não moram comigo. Hoje, em minha casa, somos só eu e meu esposo. Ele sempre soube que eu gostava de fazer isso, do trabalho como voluntária. No começo, ele até chegou a pedir para eu parar, dizendo que eu era muito metida, que eu queria fazer demais, que eu não era a dona da Rede Feminina, que se eu pudesse dormir aqui eu traria a cama. Apenas comentários nesse sentido. Mas hoje ele não diz nada e eu venho à Rede Feminina pela manhã, à tarde e em qualquer outro horário que seja preciso, até porque eu moro aqui pertinho e eu vejo isso como uma vantagem.

No comecinho de nossa conversa, Márcia Serpa declarou que passear era um dos maiores prazeres de sua vida, pois não gostava de ficar em casa e, quando saía, detestava ficar parada em um lugar, pois o que adorava mesmo fazer era “circular”. Intrigado com tal afirmação, em minhas divagações tentei entender por que aquela senhora de 63 anos de idade, com filhos criados e que amava passear não aproveitava o tempo livre que a aposentadoria lhe proporcionara para viajar, ainda que fosse por curto intervalo de tempo e a pequena distância, uma vez que seu marido até hoje está em tratamento contra um câncer.

– A senhora tem certeza de que não teve mesmo que abrir mão de nada para poder hoje ter uma agenda praticamente toda dirigida aos objetivos da Rede Feminina?



– A única mudança de que me queixo é ter que sair de casa pela manhã e já ter que deixar o almoço pronto (risos). Antes mesmo de me tornar voluntária na Rede Feminina de Combate ao Câncer, eu não tinha uma vida social agitada. Eu nunca fui de frequentar muitas festas, nunca fui de badalação. Minha vida social é frequentar uma praia, fazer passeios, coisas do gênero. Disso, eu não precisei abdicar. Eu não abdiquei de nada, não. Só reclamo é da cozinha, da qual eu tenho horror. Tenho horror de cozinha e de ficar em casa.

Márcia Serpa espera poder ter em seu cotidiano, muito em breve, após a conclusão de seu mandato, atividades bem mais tranquilas do que as exigidas na rotina à frente da RFCC. Contudo, garante que não vai se ausentar do trabalho como voluntária na Rede Feminina, pois, segundo ela, quem gosta da coisa, de servir ao próximo, não se desliga das necessidades alheias.

– As necessidades da casa são muitas e muito grandes. Uma casa como esta, por mais que receba apoio e que tudo seja feito com muita dedicação, tem suas carências.

Para a presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer, a maior recompensa conquistada com este trabalho social é a gratidão do paciente quando ele sai curado. Ela também demonstra grande satisfação em poder rever os pacientes que ajudou, saber que superaram a doença, que derrotaram o câncer.

Márcia acredita que é uma vencedora abençoada por Deus, pois após passar por provações em vários momentos de vida, alegra-se por ter saúde, por ter concretizado tudo o que pensou em fazer na Rede Feminina e por toda a ajuda que recebeu para que tais sonhos se tornassem realidade.

Ela assume que, assim como todas as pessoas, possui defeitos que precisam ser corrigidos. É consciente de que muitas vezes é intransigente e imediatista. Ao mesmo tempo, assegura que, após o ingresso neste trabalho social, mudou a forma de enxergar o mundo. Neste novo mundo, ela se tornou uma pessoa mais sensível ao drama do outro, pois começou a ver muita tristeza e assim sofrer a dor do próximo.

O que a experiência no trabalho que realiza na Rede Feminina de Combate ao Câncer trouxe para a vida de Márcia Concília de Vasconcelos Serpa e influenciou no modo de convívio com outras pessoas pode ser descrito em uma palavra: solidariedade.

– É tão bom a gente ser solidário ao outro. É tão bom a gente estar aqui servindo ao outro. Eu acho que nunca é tarde para a gente começar a dedicar-se ao próximo.

# Maria de Lourdes da Silva

## BOM TE VER



M<sup>a</sup> Cristina Dias

Bom Te Ver é muito mais que uma saudação. É uma história de vida que contribui para amenizar a dor de muitas pessoas. O nome de batismo é Maria de Lourdes da Silva, hoje com 60 anos de idade. Para os amigos, Lourdinha. Para seu público, a palhaça Bom Te Ver. Há 40 anos ela trabalha como voluntária no Hospital Napoleão Laureano, localizado no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa. A instituição fez 56 anos no dia 24 de fevereiro de 2019 e é referência no tratamento contra o câncer no estado da Paraíba. Pelo menos três vezes por semana, Bom Te Ver vai ao Laureano. Ela conversa com os pacientes na recepção e internos. Não tem distinção de idade, sexo ou cor. Seu objetivo: dar atenção, carinho e amor para as pessoas que travam a luta contra o câncer.



Mas, antes de falar sobre o trabalho voluntário de Bom Te Ver no Laureano, quero recordar nosso primeiro encontro. Foi no dia 21 de dezembro de 2018, na Praça da Paz, bairro dos Bancários, também na capital paraibana. Era por volta das oito da noite e a palhaça estava lá para mais uma missão: participar do Jantar da Misericórdia, projeto realizado há quatro anos pelo Instituto Vem Cuidar de Mim, Casa da Divina Misericórdia e JM Eventos. Os alunos do Instituto e seus familiares assistiram a shows musicais, participaram de brincadeiras e ganharam um jantar e cestas básicas.

Nossa conversa foi em um dos bancos da praça, próximo ao palco onde aconteciam os eventos do Jantar da Misericórdia. Bom Te Ver veio vestida de palhaça ajudante de Papai Noel. Logo estávamos cercadas de crianças e adultos. A conversa teve que esperar um pouco. Primeiro, as brincadeiras. Particpei de algumas. Confesso que foi algo inédito e que gostei da experiência. Depois, comecei a viajar pela vida dessa paraibana natural do município de Rio Tinto, distante 61 quilômetros de João Pessoa. Lourdinha conta que aprendeu a ajudar as pessoas com o pai, Roldão Alves da Silva.

— Muito jovem meu pai me ensinou a caridade. Ele ficava na porta de casa, o pessoal passava para o INSS, ele ficava: “olha, aquele tá com fome, aquele tá magrinho, aquele tá cansado, precisam de ajuda...” Até uma galinha que estava doente, antigamente tinha umas doenças que as galinhas ficavam se batendo, ele pegava, colocava comida no bico da galinha. Assim como muitas pessoas em Rio Tinto, meu pai trabalhava na Companhia de Tecidos Rio Tinto, construída pela família Lundgren, de ori-

gem alemã. Ele era classificador de algodão, sabia distinguir um fio do outro só de tocar, era um homem muito sábio. As pessoas se reuniam na frente do birô dele para pegar conselhos. No mundo não existe um homem como ele não. Ele morreu numa época que não tinha tratamento contra diabetes, aos 65 anos, com artrite, artrose, cego, tudo causado pelo diabetes.

A morte de seu Roldão foi um trauma na vida de Lourdinha. Na época, ela estava em São Paulo, onde morou por dez anos. Quando recebeu o telegrama de que o pai estava muito doente, pegou o ônibus de volta para Rio Tinto.



— Foi difícil pegar um ônibus porque muitos motoristas estavam em greve. A viagem de São Paulo para cá durava de três a quatro dias. Quando eu cheguei em Rito Tinto, que passei na

frente da Igreja vi muita gente saindo. Aí disseram assim: “é a missa de sétimo dia de seu Roldão.” Era meu pai. Eu não esqueci nunca isso na minha vida. Eu vinha para visitá-lo e já tinha morrido. Não tinha celular naquela época, era telegrama e, quando chegava, já estava atrasado. Ele morreu me chamando.

O status de ter um birô no trabalho não significava que seu Roldão tinha uma situação financeira tranquila. Na verdade, a família de seis pessoas era bem humilde. Quando seu Roldão casou com Alice Irinéia da Silva, ela já tinha três filhos do primeiro casamento. Lourdinha foi a única filha do casal. Mesmo com a mãe trabalhando como tecelã da Companhia de Tecidos de Rio Tinto, a família tinha poucos recursos.

— Eu tinha tanta vontade de ter uma boneca, tinha tanta vontade! Mas, era difícil, né? Eu era cheia de sonhos. Brincava muito com tijolinhos, fazia bolinhos com areia. Mas, eu ficava muito feliz com que eu tinha. Meu pai era muito bom! Ele fazia boneca de milho, fazia boneca de pano e quando eu tinha nove anos ele me deu uma boneca dessas que tem na loja. Hoje, quando pego brinquedo usado, eu limpo, às vezes conserto e levo para as crianças do hospital.

Lourdinha Silva começou a trabalhar como voluntária em várias ações sociais, com cerca de 20 anos de idade. Seis anos antes do Dia Nacional do Voluntariado ser instituído no Brasil, em 28 de agosto de 1985. Essa data foi estabelecida pela Lei nº 7.352, sancionada pelo então presidente da República, José Sarney. A Organização das Nações Unidas (ONU) também instituiu data para homenagear as pessoas que se dedicam ao próximo e es-

tabeleceu o Dia Internacional do Voluntariado como sendo 5 de dezembro.

Para a ONU, “o voluntário é o jovem ou o adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos”<sup>1</sup>. E dedicar seu tempo é o que Lourdinha mais faz. Ela conta que projetou a criação do Conselho do Idoso em Rio Tinto e também reativou as funções do Alcolólicos Anônimos (AA) do município, que estava sem funcionar há oito anos. Lourdinha ainda atua na Pastoral Carcerária e no Conselho da Comunidade que dá apoio às famílias vítimas de violência. No Sesi, em João Pessoa, ela fez capacitação para trabalhar com crianças e adolescentes usuários de drogas. Já no Sesi em Rio Tinto, dava aulas no projeto Esporte Solidário. As atividades com pacientes começaram no Hospital Universitário Lauro Wanderley, também em João Pessoa. Depois, ela resolveu ir pro Laureano.

— Com esse trabalho de palhaça, procuro dar assistência a todas as pessoas que estão acometidas de qualquer mal grave, principalmente o câncer. No Laureano, eu não sou só uma animadora. Eu procuro de qualquer forma ajudar no que for necessário. Qualquer campanha. Eu corto o cabelo deles, faço turbante, ensino a fazer o turbante, porque a gente se coloca no lugar do outro. E quando a dor é no filho, dói muito mais e como dói. Aí eu absorvo essa dor pra mim e eu procuro uma forma em Deus de aliviar o sofrimento daquela mãe que está em desespero. É aí que vem o valor que a gente dá à vida e a Deus de não estar no lugar do doente, mas se colocar no lugar dele. E eu vou

<sup>1</sup> Fonte: <https://voluntarios.com.br/p/voluntariado/> (acessado em 25/01/2019).



aprendendo com a vida. Eu nunca fiz um curso para ser palhaça, às vezes o pessoal diz: “olha eu queria que você desse umas aulas.” Mas Deus capacita. Eu aprendo com a dor. Eu rio cada riso, eu choro cada lágrima. Às vezes, me magoa quando algumas pessoas dizem “como você é fria, fica rindo enquanto tem tanta gente sofrendo”. Mas, só Deus sabe onde está a minha dor. Só Deus sabe o que, neste momento, estou aqui sentindo. Porque nem sempre a alegria que eu trago no meu rosto é a felicidade que eu carrego, principalmente quando ligo para o Laureano. Eu ligo muito, aí dizem: “tal paciente está na UTI”. Nossa! Que dor, minha amiga! Você se sente inútil, pequena, sendo a última das derradeiras mulheres do mundo, sem poder ajudar. Mas, também quando você consegue é só felicidade.

Toda semana, Bom Te Ver está no Hospital Laureano. Quando ela chega, chama a atenção de todos. Em datas comemorativas como Dia das Crianças e Natal, a brincadeira é ainda maior. Ela canta, dança, distribui presentes. Tudo com o apoio de alguns médicos, enfermeiros e outros voluntários. Para as crianças, é pura diversão. Até esquecem o sofrimento causado pelo tratamento e pela doença. Os mais idosos se emocionam, são os mais carentes de afeto. Entre os adultos, existem os mais otimistas e bem dispostos que participam das brincadeiras. Outros, mais tímidos, apenas acompanham o movimento das animadoras com o olhar. O nome Bom Te Ver surgiu lá no Laureano, na ala da pediatria.

— Foi uma criança que me chamou de Bom Te Ver e eu resolvi adotar esse nome. Antes eu era chamada palhaça. Aí eu chegava e dizia “com bons olhos lhe vejo”. Aí, um dia, Luan fa-

lou assim: “bom te ver também”. Aí, eu gostei desse nome e ficou assim. Um dia eu cheguei no Laureano e uma mulher falou comigo: “chegou a doida.” Luan falou assim: “doida não. Ela é alegre. Ela chega aqui e joga felicidade”, isso aí marcou. Luan era um garotinho de nove anos, em tratamento contra o câncer.

São muitas histórias que Lourdinha acumula durante quase duas décadas (ela não tem certeza se são 17 ou 18 anos) de trabalho no Hospital Laureano. Uma delas ficou marcada pela tristeza e arrependimento.



— Tinha uma jovem, muito bonita, de 23 anos. Ela tinha leucemia. Eu estava em casa, quando o enfermeiro Fernando ligou e disse: “Bom Te Ver, você está onde?”. Eu respondi: em casa, Rio Tinto. Aí ele disse: “olhe, ela está na UTI, mas ela só

chama por tu. Tu não podias vir aqui não?” Eu disse: meu Deus! dez horas da noite, como eu vou de Rio Tinto pra João Pessoa? Eu desci, fui na garagem, estava tudo fechado. Aí eu cheguei lá no ponto do táxi. Tinha um carro só, eu perguntei por quanto ele iria até o hospital. Ele disse R\$ 150,00. Depois disse que não dava para ir não porque estava cansado. Aí voltei para casa. No outro dia, quando cheguei lá, ela tinha morrido. Eu carreguei esse peso na minha consciência até hoje. Eu poderia ter insistido mais, não poderia? Se fosse um filho meu, eu não teria ido de qualquer jeito? Mas, não. Eu aceitei a desculpa do motorista que não poderia viajar e deixei para ir no dia seguinte e ela já tinha morrido. Me arrependo! Nunca mais na minha vida vai acontecer. Eu vou até as últimas consequências. Vou na porta de um, de outro. Hei de encontrar alguém que diga: eu lhe levo. O que eu gostaria de ter na vida é a cura do câncer. Porque é muita dor, é muita agonia, muita tristeza. É triste naquela urgência, quando você chega, você vê a morte passando perto de você. Aí você se sente impotente diante dessa situação. O câncer é um tratamento de dor, do começo ao fim. Tem cura sim, a gente sabe que tem cura. Cai os cabelos, a mulher fica triste, cai as unhas, a família precisa segurar na mão. Muitas senhoras ali são abandonadas. Isso comove demais, destrói.

Lourdinha confessa que não é fácil ir ao Laureano. É tanta tristeza que às vezes ela pensa em ficar em casa. Mas, é na fé em Deus que ela busca forças para continuar o trabalho.

— Às vezes eu penso em ficar em casa ou fazer minha atividade social em outro lugar. Mas, aí eu rezo, rezo muito e encontro forças pra continuar esse trabalho. Eu sou voluntária

porque eu quero ser voluntária. No Laureano mesmo, me ofereceram oportunidade de ser contratada. Mas, não vale a pena não. Você chegar ali, ver uma pessoa morrendo de dor como se diz. Aí você chega perto daquela pessoa, aperta sua mão, você conversa, coloca um turbante na cabeça, canta com ela, pergunta qual é a vontade dela, alguma coisa que queira que você faça. No final, a pessoa ri. Fez tão bem a você, aí você ainda recebe um pagamento? Não vale a pena não!

No Hospital Laureano, Lourdinha fez muitas amizades entre os funcionários e médicos. E foi com a ajuda deles que ela conseguiu superar um momento muito difícil da vida. Certa vez, ela conheceu um jovem que sentia fortes dores abdominais. Dias depois descobriu que aquele rapaz tão novo estava com câncer no estômago. Aquela notícia a deixou muito triste. Por coincidência, ela também sentia fortes dores no estômago.

— Menina, eu achei que estava com câncer. Aquilo me arrasou. Fiquei deprimida. Não saía de casa e nem queria comer. Aí, eu falei com a doutora Dalva Arnaud que achava que estava com câncer. Ela me perguntou se eu tinha feito algum exame e respondi que não. Ela mandou que eu chamasse um carro para me pegar em casa e seguisse para o Hospital Napoleão Laureano. No hospital, recebi o apoio da direção e dos funcionários. Fiz todos os exames e fiquei internada sem pagar nada. Descobri que o que tinha era gastrite. Foi um alívio. Mas, aí você vê como o câncer mexe com a cabeça da gente. Mesmo eu estando lá no hospital, ajudando quem luta contra essa doença, simplesmente fiquei abalada com a hipótese de estar doente.

Assim como o pai, a morte da mãe foi traumática para Lourdinha. Dona Alice teve um acidente vascular cerebral e passou alguns dias internada no hospital. “Fiquei com ela no Hospital Edson Ramalho nos dias 24 e 25 de dezembro. Saí cedinho, no dia 26. Quando cheguei à Rodoviária de João Pessoa, resolvi voltar. Quando cheguei novamente no hospital, ela tinha morrido. Foi o pior Natal da minha vida. Não esqueço nunca”. Dona Alice morreu há oito anos.

Divorciada, mãe de seis filhos, Lourdinha é pedagoga, mas trabalha atualmente como conselheira tutelar em Rio Tinto. Todo o dinheiro que ganha com a profissão é para manter a casa, onde mora com uma filha de 16 anos e cerca de 20 cachorros que ela recolheu pelas ruas. Ela conta que tentou formar uma ONG, registrou no cartório, tem CNPJ, tem todos os documentos necessários, mas faltou o principal: o local. “Recorri a várias pessoas que poderiam ajudar. E foram muitas promessas e não saiu. O jeito foi trazer pra minha casa”.

Fiquei curiosa em conhecer a casa de Lourdinha. Num sábado de manhã, parti em direção a Rio Tinto. Chegar lá não foi difícil e achar a casa, menos ainda. Como disse Lourdinha, “a casa é a mais palhaça da rua”. De fato, a casa é bem colorida, com predominância da cor laranja. Perto da porta da frente tem um cano onde é depositada ração para gatos. No fim do cano, uma tigela. Também tem uma vasilha para água. “Dessa ração, até as galinhas da rua comem”, conta Lourdinha.

Foi interessante ver aquela mulher de quase um metro e sessenta de altura, sem maquiagem. Lourdinha nem é gorda, nem é magra. Como dizem no interior: está no calibre certo. Ela

parece bem mais jovem do que a idade que tem. Os olhos castanhos são bem vivos e os cabelos (no ombro) encaracolados são clareados de loiro. Mesmo sem fantasia e maquiagem, ela mantém a esportividade. Levei 10 quilos de ração para os cães, mas não estava certa se era a marca que ela usava. Lourdinha logo respondeu: “Se me dão, é a marca que mais gosto de usar”.

Além de Lourdinha, fomos recebidos por seis cães, todas fêmeas. São vira-latas de pequeno porte. Cada uma foi batizada pela nova dona: Teimosinha, Vivi, Pretinha... “Eu dou nome a todo animal que resgato. Alguns foram tão castigados pelos antigos donos que têm dificuldade de aproximar das pessoas. Mas, aí, eu dou carinho, atenção, alimentação e não bato nunca neles. Com o tempo, voltam a ser alegres e ganham um pouco de confiança”.

Logo na entrada da casa, estão expostas na parede as fotos dos vários eventos de solidariedade de que ela participou, bem como as homenagens recebidas pelo trabalho social. Ela tem orgulho de cada medalha, de cada certificado agradecendo pelo empenho em ajudar quem mais precisa.

A casa é a união de dois imóveis. Por isso, são tantos quartos, cinco pelo menos. Neles, poucos móveis. Os que têm são bem simples e gastos pelo tempo. Lourdinha fez questão de mostrar cada um dos cômodos: onde as cachorras usam como banheiro, onde ficam as doações que reúne para entregar no Laureano, onde monta os kits para entregar as mães da Cândida Vargas (maternidade pública de João Pessoa) que não têm roupa nenhuma para o bebê, onde ficam os brinquedos usados, que ela limpa e tenta consertar para serem doados, onde dorme e onde

abriga as visitas. Em um guarda-roupa, reúne todas as fantasias. Algumas são temáticas: Bom Te Ver no Natal, na Páscoa, São João. Os chapéus também são variados. Todos, lógico, de cores bem fortes e brilhantes. Nesse cômodo ainda estão as camisas de entidades e campanhas de que Bom Te Ver participa.

O quintal não é muito grande, mas teve espaço para construir 10 pequenos canis, onde ficam as cachorras maiores. “Certa vez, a doutora Dalva Arnaud esteve aqui em casa. Ela viu minha situação com tantas cachorras soltas pelo quintal e na casa. Então, ela deu dinheiro e arrumou a pessoa para construir esse canil”. Lourdinha não cria gatos em casa, mas paga para alguns vizinhos criarem os gatos que ela salva das ruas. Para esse trabalho com os animais, ela recebe pouca ajuda.

— Doutora Dalva, do Laureano, me dá uma força. Ela me dá um saco de ração. Rosinha, irmã do doutor Everaldo, da Casa dos Criadores, também me dá uma saca de ração todo o mês. Mas, por semana, são 25 quilos para alimentar as que eu tenho em casa. Certa vez eu acumulei uma dívida de 12 mil reais na clínica do doutor Everaldo, com o atendimento dos cães e gatos que resgato. Eu disse para ele que se conseguisse ser eleita como conselheira tutelar, pagaria mil reais por mês. Graças a Deus, fui eleita. Então, cumpri minha promessa, até pagar todo o débito. O que eu ganho é tudo para eles mesmo. Não posso viajar por muito tempo. Se passo alguns dias fora de casa preciso contratar uma pessoa para cuidar dos meus animais.

Mesmo com a casa cheia de cães e com o tempo todo preenchido com atividades sociais, Lourdes diz que não sofre

críticas da família. Muito pelo contrário, ela serve de exemplo para os filhos.

— A minha filha Magna me ajuda muito. Ela manda até dinheiro para mim, pra comprar brinquedinhos. Ela mora nos Jardins, em São Paulo. Lá, ela faz o que eu faço, no final de ano reúne crianças, dá presentes. É um trabalho que a gente faz por amor. Deus faz o dia com 24 horas. Se você trabalhar oito horas, dormir oito horas, ainda sobram oito horas. É só administrar. Aí dizem, eu não tenho tempo pra nada. Tem!

Certa vez, o pai disse para Lourdinha que a vida era uma faculdade sem férias. Venho pensando nisso... Sabe? Seu Roldão era um homem sábio.



# Jaísa Nóbrega

## E O SEU “AMOR, VOCÊ QUER?”



Débora Freire

Saí de casa a passos apressados. Eram quase sete da manhã, estava atrasada e sabia que iria encarar engarrafamento para chegar ao Hospital Napoleão Laureano, local marcado para encontrar com Jaísa. Arrisquei-me trafegar pela Avenida Dom Pedro II, caminho mais perto para chegar ao hospital, porém uma fila enorme de carros já me aguardava desde a UFPB. Os quase 3km da avenida congestionada foram suficientes para sentir o quanto estava cansada e pensar no tanto de livros que faltavam ler para terminar o trabalho de qualificação, uma etapa do Mestrado. Foram aproximadamente 20 minutos de espera até o trânsito ficar menos obstruído e finalmente conseguir acelerar na tentativa de chegar na hora combinada.

Confesso que passei várias vezes em frente ao Laureano, mas nunca havia entrado. Não tinha uma boa impressão sobre o lugar, que muitos chamam pejorativamente de o hospital da morte.

Tive dificuldade para estacionar, mesmo com as muitas vagas localizadas dentro do prédio da unidade de saúde, mas, por sorte, um senhor sorridente de cabeça raspada, que estava acompanhado da filha, pediu-me que esperasse, pois eles estavam de saída. Retribuí com um obrigada e um sorriso, meio amarelo devido ao cansaço, mas sincero. A filha do homem também aparentava está feliz. Fiquei pensando porque os dois estavam sorrindo e desejei que fosse porque ele não precisava mais ter que voltar ao hospital.

A má impressão continuava sobre o lugar, porém precisava procurar minha entrevistada, pois não a conhecia pessoalmente, por isso, me apressei novamente. Estacionei e fui à re-

cepção geral. Logo na entrada, um carro acabava de estacionar e algumas pessoas retiravam, de dentro dele, sacolas com lanches de isopor. Imaginei que a Jaísa estava entre aquelas pessoas, todas de jalecos e toucas. Pareciam médicos e enfermeiros, mas eram voluntários, pessoas que assim como os médicos e os enfermeiros, também cuidam e levam esperança aos pacientes e seus familiares.



O último levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado em abril de 2018, mostra que quase sete milhões e meio de pessoas realizaram trabalho voluntário em 2017, o equivalente a 4,4% da população brasileira de 14 anos ou mais de idade.

O Instituto considera trabalho voluntário aquele não compulsório, realizado por pelo menos uma hora na semana, sem receber remuneração ou benefícios em troca, em apoio a

pessoas que não moram no mesmo domicílio do entrevistado e não são de sua família. De acordo com o IBGE, o conceito de trabalho voluntário vai muito além de doações de suprimentos. Levar um vizinho ao médico é um exemplo de quão grande é o leque de possibilidades de se fazer um trabalho voluntário.

A pesquisa ainda apresentou que o perfil dos voluntários no Brasil é prioritariamente de mulheres. Os que desenvolviam atividades voluntárias em 2017 eram 5,1% das mulheres e 3,5% dos homens, fato observado em todas as grandes regiões. Além disso, foi analisado o tempo dedicado ao voluntariado. Em média foram de mais de seis horas semanais destinadas a ajudar outras pessoas.

Um dado importante que se junta a esses, também trazidos por essas estatísticas, é que a dedicação ao trabalho voluntário é maior entre os que têm uma ocupação do que entre os não ocupados. E, embora, o IBGE traga a triste informação de que no Nordeste o número de pessoas engajadas nesse tipo de trabalho diminuiu em 2017, o trabalho desenvolvido por grupos de voluntários no hospital de referência no tratamento do câncer, em João Pessoa, se fortalece a cada sorriso e agradecimento recebidos dos pacientes. Foi isso que presenciei no dia em que encontrei pela primeira vez com Jáisa.

Os cerca de 15 voluntários estavam numa correria só. O dia era mais do que especial. O lanche também. Era Natal. Fiquei observando o trabalho de retirada dos alimentos do carro e resolvi me aproximar. Uma mulher de sorriso largo veio ao meu encontro. A câmera fotográfica que carregava no ombro fez

com que Jaísa deduzisse quem eu era. Fui recebida com um terno abraço e apesar da pressa, ela me contou o quanto aquele dia era importante.

Fui convidada a acompanhar os voluntários. Ao entrar no saguão do hospital, um coral composto por idosos chamava a atenção de quem passava por ali. Era impossível não parar para assistir a apresentação. Parei por alguns minutos, mesmo sabendo que tinha que acompanhar a Jaísa. Mas ao entoarem a canção 'Hallelujah', de Leonard Cohen, resolvi ficar um pouco no saguão. A música me faz sentir uma paz sempre que a escuto. Ela me lembra uma série de TV que gostava muito de assistir: House M. D.. A série médica norte-americana passa-se num hospital universitário fictício e discute, entre outras coisas, questões como ética médica, as relações entre colegas de trabalho e estes com pacientes, além de problemas sociais e de saúde pública. O Dr. Gregory House, interpretado pelo ator inglês Hugh Laurie e personagem principal da trama, é um infectologista e nefrologista que se destaca não só pela capacidade de elaborar excelentes diagnósticos diferenciais, como também pelo seu mau humor, ceticismo e pelo seu distanciamento dos pacientes. Entre suas formas preferidas para relaxar e, muitas vezes, refletir sobre o trabalho e a vida, está o piano. O ator, que realmente toca o instrumento, realiza, durante os episódios, belas interpretações, algumas delas de canções bem conhecidas como é o caso de 'Hallelujah'.

Em uma das cenas, o protagonista da série toca a canção no piano. Voltei àquela cena várias vezes. O fato é que 'Hallelujah' me toca. Acho que não só a mim, pois várias pessoas tam-

bém pararam nesse momento para contemplar o coral. A atenção dedicada à apresentação só foi quebrada por Jaísa, que me chamava para começar a entrega dos lanches. Nessa hora, percebi o quanto de gente havia no hospital, esperando atendimento.

Ao chegar à copa, deparei-me com toda a mobilização para organizar os lanches e distribuí-los. Jaísa me informa que a entrega iria começar pela ala de quimioterapia. Subimos uma grande rampa e no caminho ela me contava que sempre começava a entregar nessa ala, porque muitas pessoas passavam a noite viajando, vinham de longe, para as sessões de quimio, e na maioria das vezes, não tinham nada para comer. Jaísa conta ainda que o lanche também é entregue aos acompanhantes.

Entramos na primeira sala. Fico parada próximo à saída com receio de atrapalhar a entrega dos alimentos. De onde estava, consigo observar que muitos dos pacientes já conhecem a Jaísa. Com bom humor e uma bandeja nas mãos, ela passa entre as cadeiras e camas perguntando: - Amor, você quer?

Surpreendo-me com as pessoas que encontro nessa sala. Elas não parecem tristes. Quem não está cansado ao ponto de dormir, conversa com quem está ao lado, como se tivesse numa fila de banco, por exemplo. Um senhor que “tomava” quimio não parecia estar doente. O olhar confiante e aparentemente saudável me fez querer conversar com ele, mas fiquei sem jeito de me aproximar. Senti que ele queria saber por que eu estava lá, de pé, com uma câmera fotográfica.

Uma senhora, acompanhante de paciente, também me chama a atenção. A reação dela de fome a faz quase que saltar na frente da Jaísa. Fiquei pensando qual era a história daquela

mulher, de onde ela era. Ainda pensei em puxar conversa, mas não quis atrapalhar seu desjejum, quiçá sua única alimentação do dia. Passamos em mais uma sala cheia de pacientes, antes de voltar ao grande saguão, onde estava o coral e dezenas de pessoas a espera de atendimento e marcação de consultas.



No caminho, Jaísa me contava que talvez a quantidade de lanche preparado, quase mil lancheiras, não desse pra todo mundo. Ou seja, alguns continuariam com fome. Nesse momento, senti um nó na garganta. Pensei na quantidade de pessoas ali que estariam na mesma situação da senhora que apressou-se para pegar a refeição, lá na ala de quimioterapia.

Numa rápida passada na copa para Jaísa pegar outra bandeja, ouvi um senhor, também voluntário, lamentar que o lanche não seria suficiente para atender todos. Seguimos para o salão de entrada. Enquanto o coral continuava com canções natalinas, os

voluntários se revezavam numa distribuição que parecia não ter fim. Mas teve, infelizmente.

Enquanto Jaísa distribuía as últimas refeições, parei novamente para ver o coral e tirar algumas fotos. Reparei no quão significativo era aquele momento para as pessoas que ali estavam. Alguns tentavam acompanhar as músicas, sorriam, se abraçavam. Não tinha presente, mas tinha amor, amizade, solidariedade. Uma senhora, que andava com dificuldades, ao passar por mim, parou e para minha surpresa me abraçou. Mesmo com a câmera na mão e meio desajeitada, também a abracei. Não sei o nome dela, mas fiquei feliz com o carinho. Tentei me lembrar se já havia presenciado algo parecido e cheguei à conclusão de que aquele momento era realmente uma confraternização. Era diferente de todas as “confraternizações” que já havia participado.

Voltei à copa com Jaísa. Ela tinha que ir embora para acompanhar a mãe ao médico. Queria saber mais sobre ela, sobre o trabalho de voluntária, sobre aquelas pessoas. Perguntei se podíamos nos encontrar novamente e sem pestanejar ela topou, me convidando para ir visitá-la em casa e então nos despedimos.

Enquanto caminhava em direção ao carro, já refletia sobre a experiência vivenciada naquela uma hora e meia, dentro do hospital. Era um misto de sentimentos. Ali vi amor, amizade, esperança, mas também muitas necessidades. O hospital Napoleão Laureano sobrevive, em boa parte, de doações e às vezes elas não são suficientes. Cheguei a postar em uma rede social uma mensagem que refletia minha tristeza e revolta diante da insuficiência de recursos aplicados na Saúde. O texto foi finalizado com um convite para que todos pudessem adotar de coração algum



trabalho voluntário. Apesar disso, deixei o local com uma visão bem diferente da que tinha quando cheguei. Não é o hospital da morte. Muito pelo contrário.

Os dias se passaram e fui à casa de Jaísa. Fui recebida com a mesma simpatia de quando a encontrei no Laureano. Ao entrar conheci o filho dela, o Gustavo, de 13 anos, que com muita educação também veio me cumprimentar.

Apesar de todo o conforto da sala, escolhemos ficar conversando na cozinha. A sensação de aconchego do ambiente e o silêncio do local nos deixaram bem à vontade, mas sabia que tinha pouco mais de uma hora para bater um papo com Jaísa. Ela tinha que levar a mãe no médico novamente.

Jaísa é uma mulher que não aparenta ter 52 anos. Parece mais nova. Acho que isso se deve ao bom humor e a simpatia que ela carrega. Mas descubro que não foi sempre assim.

A enfermeira e professora, agora aposentada, nasceu em João Pessoa, morou em Jaguaribe, no Cristo e após o divórcio, decidiu morar com a mãe, no bairro do Cabo Branco, onde vivem até hoje. Ela conta que teve uma infância maravilhosa como deveria ser para toda criança: cheia de brincadeiras, ao lado dos pais, com saúde, escola, casa e comida na mesa. Conta ainda que já na adolescência se interessou pelo curso de Enfermagem, inspirada em uma prima que estava cursando faculdade nessa área. “Eu achava lindo quando ela vestia o jaleco branco... coisa de adolescente. Mas tinha aquela coisa de ajudar alguém que também me encantava”, confessa Jaísa. Nesse momento, fomos interrompidas pela gentileza de dona Helena, mãe de Jaísa, 87 anos, que saiu do quarto e foi à cozinha para dar-me um boa

tarde. Ela lembrou minha avó, pelo vestido florido que usava e o jeito sereno de caminhar.



Nossa conversa prosseguiu. Na parede, à minha frente, havia um relógio. Não conseguia tirar o olho dele. Havia muito ainda a perguntar e não sabia se daria tempo. Jáisa começa a lembrar dos muitos anos e lugares por onde passou quando exercia a enfermagem. As experiências vividas nos postos de saúde da família em Santa Rita e Bayeux, além do hospital Santa Casa da Misericórdia.

Depois de um longo período se dedicando à assistência em unidades de saúde, Jáisa sentiu que era hora de repassar tudo o que tinha aprendido na prática, em especial a necessidade de humanização no atendimento às pessoas. Foi então que retornou à vida acadêmica, dessa vez como professora em uma faculdade.

Por 18 anos, numa rotina tão corrida quanto a que tinha antes, Jaísa se dividia entre a sala de aula, a clínica-escola de enfermagem, o trabalho de campo com os alunos, a família e o trabalho voluntário.

Mesmo enquanto professora, Jaísa não perdia o contato direto com a enfermagem. O trabalho desenvolvido por ela na saúde pública era ensinado na prática. “Uma vez, levei alguns estudantes para um trabalho de campo em um asilo. Pedi que eles ajudassem a dar papa aos idosos. Um deles olhou pra mim e perguntou: - mas a gente vai ter mesmo que dar papa a eles? E eu respondi: - claro que sim. Isso é dar assistência, e é esse um dos nossos afazeres”, lembra Jaísa. Ela conta que sempre orientava os alunos sobre como um profissional de enfermagem deve ter, acima de tudo, amor por ajudar as pessoas, tem que entender que sua postura enquanto enfermeiro é tão importante quanto a técnica de administrar um medicamento. Essa, sem dúvidas, é a certeza de Jaísa. Chego a notar isso no tom seguro de voz dela ao fazer tal afirmação.

Quando pergunto o que ela entende por dar assistência, Jaísa tem a resposta na ponta da língua: “assistência é mais do que tratar, é você enxergar que o outro precisa de você, por inteiro, precisa da sua técnica, mas precisa do seu lado humano também”.

Percebo a essa altura da conversa que Jaísa não está tão preocupada com a hora. Penso se ela teria remarcado o médico de dona Helena e teríamos mais tempo para conversar. Penso em pausar nossa entrevista para perguntar, mas fico sem jeito e prossigo, respeitando o tempo que ela disse que poderia me atender.

Jaísa conta que há muito tempo desenvolve trabalho voluntário. Quando ainda trabalhava, ela visitava muitos lugares, entre orfanatos, hospitais e asilos. Mesmo com toda a correria, reservava os sábados à tarde para ir ao Hospital Padre Zé, assim como o Hospital Napoleão Laureano, também mantido com ajuda de doações. Lá, Jaísa relata que fazia um pouco de tudo para ajudar na recuperação dos pacientes: conversava, cantava, lia passagens bíblicas. “Todo paciente, inclusive os que estão em hospitais públicos e filantrópicos, precisam de muito acolhimento. Quando um enfermeiro, um médico, um recepcionista, um voluntário, por exemplo, sabe acolher, esse profissional está dando a esse paciente um remédio poderoso chamado de força, de amor, de carinho. Não é só a parte física que está fragilizada no paciente, mas o emocional também, e isso é muito importante na recuperação dele”, ressalta Jaísa, antes de ter que levantar para atender ao telefone.

Mais uma vez, sinto-me desconfortável. Tinha uma pergunta difícil de fazer e, nessa pausa na conversa, procuro as melhores palavras para não parecer intrometida. Ela retorna à mesa, pede desculpas pela interrupção e espera a próxima pergunta. Tinha que fazer. E lá vou eu, tentando ser delicada. Pergunto se ela pode falar-me mais sobre o câncer que tratou. Ela diz que não tem problema de falarmos sobre o assunto, mas ainda tenho dúvidas se não agi de forma inconveniente. Porém antes mesmo que eu avaliasse novamente minhas palavras, Jaísa começa a contar-me.

Foi há pouco mais de seis anos, que ela foi diagnosticada com câncer de mama. Como qualquer pessoa, em especial a mu-

lher, que passa por essa situação, Jaísa ficou muito abalada, mas como ela mesma falou de forma mais descontraída, quase que rindo, ela não “deixou a peteca cair”.

A doença a deixou debilitada e ela teve que abandonar a sala de aula e o trabalho voluntário, mas apesar disso, Jaísa disse ter tido sempre a certeza da cura.

Fez o tratamento quimioterápico em uma clínica particular e decidiu então fazer as sessões de radioterapia no Napoleão Laureano. Foram 28 dias seguidos de idas ao hospital. Esse tempo foi suficiente para Jaísa “se encontrar lá como voluntária”, como disse novamente com muita firmeza. A segurança sai de cena e retorna a voz doce e tranquila de antes.

Jaísa narra que a atenção recebida lá foi essencial para sua recuperação. “Desde o vigilante até a pessoa que tá atendendo, todos lhe tratam bem. Todos estão tão envolvidos em lhe deixar bem, que você se sente bem perto daquelas pessoas. Lá se trata o câncer como se trata a diabetes, a hipertensão. Lá dentro não há uma estigmatização da doença. A estigmatização vem de fora, de pessoas que não conhecem o hospital”.

Jaísa vai descrevendo pequenas histórias de quando esteve lá como paciente e eu fico imaginando como pode alguém falar de um momento tão difícil de forma tão leve. Muitas perguntas me vêm à cabeça, mas a hora corre.

Ela recorda que muitas vezes, como enfermeira e como professora, escutava dizer por aí que um profissional da área de saúde tem que ser frio. Mas depois de estar na situação de paciente, tem certeza de que o que sempre pregou na vida é mais que necessário: quem se dispõe a ajudar o outro tem que estar

próximo ao outro. “Os pacientes, por exemplo, têm que ser tratados como pessoas queridas, como nós gostaríamos de sermos tratados se estivéssemos na mesma situação. Como aconteceu comigo. O enfermeiro, o voluntário, o médico tem que ultrapassar o lado profissional e não ser frio, fazendo aquilo apenas por obrigação, para ter um salário no final do mês”.

Jaísa ficou curada e teve o coração invadido pelo sentimento de gratidão que a fez tornar-se voluntária no hospital que a acolheu durante sua enfermidade.

Hoje, ela busca com o seu “amor, você quer?” fazer novamente diferença na vida de pacientes, dessa vez no Napoleão Laureano. “Esse trabalho que estou engajada para mim é obrigação diante de tudo o que recebi de Deus e daqueles profissionais. É pouco o que faço, mas sei que de alguma forma estou ajudando a minimizar o sofrimento de algumas pessoas”. Nessa hora, a voz de Jaísa fica diferente. Os olhos também ficaram. Era a emoção de poder contar que hoje está com saúde, podendo ajudar quem precisa.

Jaísa conta também que além do trabalho no Laureano, visita casas de apoio a pessoas com câncer, que chegam do interior para se tratar em João Pessoa, além de participar e realizar campanhas como forma de tentar sanar as muitas demandas que encontra nesses lugares. “Hoje tenho ainda mais consciência dessas necessidades e o que eu puder fazer para ajudar, dentro das minhas condições, eu faço”.

Pergunto como a voluntária se sente hoje, já que agora aposentada tem tempo para realizar o voluntariado e após ter enfrentado um câncer. Jaísa coloca as mãos sobre a mesa e com um sorriso me responde: “eu sou uma pessoa feliz e agradecida por tudo. Hoje eu agradeço mais por tudo, pelo acordar, por

estar chovendo, por estar fazendo sol...[pausa para uma gargalhada]...Eu vivia estressada e depois desse freio na minha vida comecei a enxergar tudo de maneira diferente, inclusive o trabalho voluntário que faço hoje. A gente tem que valorizar mais nosso tempo, a família, os amigos e estar disposto sempre a fazer o bem, porque, no final, é isso que importa”.

Cinco minutos para as quatro da tarde. Chegamos ao final da nossa conversa. Dona Helena reaparece na cozinha. Esperava o término da entrevista. Depois de até outro “até mais”, desço no elevador pensando sobre tudo o que tinha ouvido e fazendo um comparativo com minha rotina, que não me dá tempo de realizar nenhum trabalho voluntário.

A história de Jaísa como voluntária nos revela ao menos duas questões: ela realmente tem amor e prazer em cuidar das pessoas e tem feito isso muito bem; e todos deveríamos doar um pouco do nosso tempo para ajudar quem precisa, do jeito que der. Assim, quem sabe não nasce dentro de nós uma outra Jaísa, e a gente não engrossa a corrente de solidariedade tão carente nesses tempos em que o egoísmo parece prevalecer.

Maria Luiza Rodrigues  
O SORRISO DE LUIZA



Gil Aciolly



O sorriso de Luiza é grande. Daqueles generosos que abraçam e afagam. Já ajudou a realizar festa de casamento e de 15 anos e até colaborou para uma criança andar. Ele também é transparente. Não esconde as 28 cirurgias e os três cânceres que sua dona já teve. Luiza aproveita cada momento de sua vida para fazer seu sorriso crescer. Lágrimas até insistem em aparecer, muitas vezes acompanhadas de dor – física mesmo. Elas regam a boca de Luiza e fazem seu sorriso florescer, logo depois de enfrentar o medo e a tristeza. Luiza usa todo o sofrimento que já teve para ajudar outros a sorrir e, principalmente, a acreditar.

Foi sempre assim. Nascida no dia 22 de maio de 1973 em Campo Grande, bairro antigo da Zona Norte do Recife, Maria Luiza Rodrigues de Miranda foi a única mulher dos cinco filhos de Ivonete Rodrigues de Moraes e Valdson Alves de Moraes. Como não tinham dinheiro, moravam na casa do avô materno, que já não suportava presenciar as constantes brigas do casal.

– Meu pai era irresponsável. Brigava muito com minha mãe. Meu avô não suportava ver aquela situação e colocou meu pai para fora. Minha mãe, por amor, foi junto e levou a gente – recorda Luiza.

O novo lar foi construído numa ocupação na cidade de Paulista, vizinha ao Recife. Um barraco de plástico, ao qual Luiza descreve ainda hoje como uma casinha de plástico preta. Apesar da dura realidade, ela era feliz. Brincava de bola, dançava – atividade que mais ama fazer até hoje - e adorava tomar banho de rio, num sítio que havia por perto. Sonhava com uma festa de 15 anos, com uma casa bonita, em ter uma vida melhor e continuar a ser feliz.

– Consegui conquistar algumas coisas, outras não. Minha infância foi muito difícil, muito mesmo! Mas o sorriso nunca saiu da minha vida, nem a esperança de vencer.

Por ser a única mulher, quando jovem voltou para a casa do avô. Saiu de lá para o teto que construiu com o marido, onde mora até hoje. São dois quartos, sala e cozinha ainda inacabados. Dos 45 anos de vida, 21 foram transitando entre essa residência e o Hospital do Câncer de Pernambuco (HCP), que hoje Luiza também chama de casa. O lugar onde ela tantas vezes se internou é também onde desenvolve um trabalho voluntário. Sempre às terças, quintas e sextas-feiras, quando ela mais doa seu sorriso ao cruzar com tantas outras vidas marcadas pela doença.

O sorriso de Luiza fez Alderico José de Miranda Filho se apaixonar. Eles passaram a infância juntos, já no bairro de Campo Grande. Iam para a mesma escola. Foi com ele que ela se casou, aos 21 anos. Logo nasceu a pequena Thais para aumentar sua felicidade. Seus seios jorravam muito leite. Em 1997, numa das vezes que estava amamentando a pequena Thais, então com seis meses, Luiza percebeu que seu leite havia empedrado. Correu para o médico, sem sequer imaginar que sua vida iria se transformar para sempre.

– De 97 para cá já foram 28 cirurgias. Tirava um caroço, nascia outro. Tirava um, nascia outro. Sempre no mesmo seio.

Os tumores que nasciam eram extraídos num momento em que, enferma, vivenciava a maternidade. Em 2001, ela descobriu que tinha surgido um diferente, com o nome de carcinoma, seu primeiro câncer. Dessa vez, a cirurgia foi no seio e também na axila, de onde foram retirados 21 pequenos tumores, levando

uma parte dela. Luiza diz que os médicos um dia irão reconstruí-la. O processo de cura envolveu tratamento de rádio e quimioterapia.

– É uma bomba. A gente pensa que vai morrer. Mas nesses momentos mais difíceis da minha vida eu pensava: Senhor, estou sofrendo, mas vai passar – desabafa.

Luiza começou a ser acompanhada pelos médicos. No hospital, realizava exames e encontrava pessoas que precisavam de um simples sorriso ou um abraço. Ela aos poucos se tornava voluntária. De acordo com o IBGE, que realiza a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o trabalho considerado voluntário é aquele não compulsório, feito “por pelo menos uma hora na semana de referência da pesquisa, sem receber nenhuma remuneração em dinheiro ou benefícios, com o objetivo de produzir bens ou serviços a pessoas que não moram no domicílio e não sejam parentes do entrevistado”. Nessa época, Luiza dava muito mais que uma hora de seu dia para os pacientes com quem se encontrava. Contava sua história, um exemplo de superação que os ajudava a seguir.

Luiza aprendeu a aceitar que o câncer seria um desafio a ser superado e que o sorriso estamparia o seu rosto, mesmo em momentos difíceis. Ela só não imaginava que esse exercício de resiliência seria posto à prova tantas vezes. Em uma das idas ao lugar que depois chamaria de casa, ela estava especialmente feliz. Naquela manhã, Luiza se dirigiu ao então PVC, um setor onde ficam os pacientes terminais, para dar uma palavra de conforto. Ela, que também aguardava o resultado de um exame, era a mais nova numa sala cheia de idosas.

– Vamos nos animar, minha gente. Tem que ter fé! - incentivava

O entusiasmo de Luiza foi interrompido pelo doutor Peixoto, que entrou na sala e a chamou:

– Maria Luiza!

Nesse momento, dona Alciete, uma voluntária do hospital que havia se aproximado de Luiza se lançou no meio da porta para impedir que a jovem encontrasse o médico. Ela já sabia o que o doutor iria falar. A tentativa de impedimento não adiantou. Luiza atravessou por cima das pernas da voluntária, enquanto pensava que aquele seria mais um problema que teria que enfrentar. Ela entrou na sala e sentou em frente ao doutor Peixoto para ouvir as palavras das quais não se esquece até hoje.

–É Luiza, a gente pensava uma coisa, mas é outra. Você vai ter que tirar a mama.

Luiza ficou calada, enquanto as lágrimas caíam. Não só em seu rosto, mas nos das colegas que presenciaram o momento. Ali ela compreendeu que Alciete seria sua mãe de coração.

– Nessa hora a gente quer uma família para abraçar, para chorar. Não tinha! Mas quem estava lá? Foi Alciete e o pessoal que eu estava dando força, momentos antes.

Desenganada pelos médicos, Luiza ganhou essa nova mãe, que garantiria e cuidaria de seu sorriso. Voluntários há mais de 30 anos, Alciete e seu esposo, Hermes, a quem Luiza chama de HD, ajudaram-na nas horas mais difíceis. Foram eles que compraram os remédios receitados para o tratamento.

– Eu não tinha condições para comprar. Os medicamentos eram muito caros. Os mais avançados da época. Alciete e HD fo-

ram anjos na minha vida. Eu não entendia nada. Era tudo muito confuso. E eles estavam sempre ao meu lado. – disse, em lágrimas. Essa foi a única vez nos nossos três encontros que Luiza chorou. Era um choro de gratidão, não de tristeza.

O casal serviu como exemplo de voluntariado para ela, ajudando-a a enfrentar a mutilação. Em 2005, amputou a mama. Na verdade, Luiza não perdeu o peito, ela o doou para o trabalho voluntário. Nesse mesmo ano, ingressou oficialmente na Rede Feminina Estadual de Combate ao Câncer de Pernambuco, uma entidade filantrópica que atua no HCP e conta com cerca de 300 voluntários. Na maior parte, aproximadamente 260, mulheres. Uma família de doação, que oferta mais amor que tempo. Nela, alguns são irmãos, daqueles que conhecem o sentimento do outro pelo olhar.

O voluntário Paulo Ângelo Vidal, 53 anos, descobriu que Luiza fala com os olhos. Ele constatou isso quando a viu encontrando uma mãe chorando na pediatria, por conta da filhinha M que mais uma vez enfrentava a sessão de quimioterapia. Naquele momento, Luiza abraçou a mãe e chorou junto. Ela tentava abraçar o desespero. Paulo diz não ter palavras para descrever o olhar da amiga. Ele assegura que no coração dela cabe todo o HCP, com todas as suas clínicas, laboratórios, seus 274 leitos distribuídos em nove enfermarias, 22 leitos de urgência, 16 leitos de UTIs, 14 leitos de pediatria, oito salas de cirurgia, a capela e a Urgência 24h.

– Ela é um exemplo para os voluntários – assegura Paulo.

Luiza também sorri com os olhos. Quem percebeu foi Paulo, numa sexta-feira, quando juntos iam almoçar. No caminho,

passaram pela pediatria, onde viram J, uma menininha de dez anos que luta contra o câncer, de quem Luiza tornou-se amiga.

– Quando viu J, os olhos dela mudaram. Ela deu um abraço na menina. Você percebia o amor. Os olhos dela falam tudo!

J é de Porto Velho, Rondônia. Chegou ao Recife, aos nove anos, em busca de tratamento no dia 9 de janeiro de 2018, com o pai e a mãe, dona Valdenete Rodrigues dos Santos. A irmã veio depois, quando o casal percebeu que ficaria na cidade mais que o planejado. Ao desembarcarem na capital pernambucana, sem conhecer ninguém, foram recebidos pelos voluntários. Mais tarde, essa Rede alugaria uma casa para que a família pudesse permanecer no Recife e dar sequência ao tratamento da menina.

– Eles abraçam a gente, dão uma palavra de apoio, emprestam o ombro, viram família. É gente ajudando gente! E isso é muito importante, principalmente quando chegamos num lugar desconhecido, onde tudo é diferente. Tudo muda na vida da gente quando se trata de câncer – conta a mãe de J.

O encontro de J com Luiza aconteceu no momento em que a garotinha já não encontrava razão para continuar a viver. Ela mergulhou numa depressão, quando descobriu que teria que amputar a perna. O membro foi arrancado e a alegria se tornou algo distante. Até que Luiza apareceu contando sua história.

– Eu venci e você vai vencer também – diz a mãe de J, imitando Luiza. – Essas palavras dão força, fazem a gente acreditar.

J se agarrou ao sorriso de Luiza para recomeçar a andar. Eram 11h da manhã, quando Luiza decidiu ensinar a menina que se recuperava da cirurgia a andar de muleta. Cada passo dado, uma vibração. A pequena caminhada de J tornou o sorriso

de Luiza ainda maior. E ele foi crescendo quando J aprendeu a dançar e a se maquiar. Essas são as atividades prediletas das duas, que apesar da diferença de idade, têm muitas outras coisas em comum. J passou a chamar Luiza de tia. Os pais da menina agora consideram a voluntária como um membro da família.



No dia em que eu entrevistava dona Valdenete, ela me mostrou uma mensagem enviada pela filha para Luiza pelo Whatsapp. A voz angelical da menina, que passa por quimioterapia e usa peruca castanha feita com seus próprios cabelos, dizia:

– Oi, tia Lú! Eu queria muito participar do livro, mas agora não estou podendo. Estive muito ruim, mas já estou melhorando. Logo, logo vou ter alta e vou brincar aí contigo. Fala no livro que a gente gosta muito de dançar. Olhe, não esqueça de falar isso, ouviu!

Assim que cheguei em casa, uma nova mensagem de J havia sido encaminhada. Desta vez para mim.

– Oi, meu nome é J. Tia Lú me ajudou nos momentos em que mais precisei. Tive que amputar minha perna e ela me ensinou a andar de muleta. No tempo em que estava mais frágil, ela me ajudou. Me fez entender que a vida continua. A gente gosta de se maquiar, de dançar e fazer muitas coisas. O melhor para ela eu desejo, toda a felicidade.

Na pequena mensagem, a emoção e sinceridade na voz da menina revelaram para mim muito sobre Luiza. Ela traduziu e deu sentido ao que a mãe de J. havia falado horas antes.

–Tudo que Luiza ensinou a minha filha fez com que ela voltasse a viver novamente. Ela mostra que a vida continua e que a gente tem que lutar.

Depois de passar por diversos setores do HCP, Luiza atualmente trabalha no Mamário, o mesmo do qual recebeu auxílio em seu tratamento. Ela atende telefone, pega prontuários, chama os pacientes para as consultas. Mas a principal atividade



que desempenha é mostrar sua história de superação, marcada em seu corpo. Suas cicatrizes são vitórias que despertam os pacientes de câncer à luta. Ela mostrou tudo a J, quando a garota ainda estava deprimida. Pediu para que todos saíssem da sala e revelou o cateter que ainda carrega no peito. São muitas as histórias com as quais Luiza já cruzou. E com frequência, ela exhibe suas marcas.

– Tem paciente que fica desesperado – conta Luiza interpretando um diálogo entre ela e um tipo de paciente que regularmente encontra.

– Vou me jogar na frente de um carro porque não tenho ninguém

– Venha cá, meu amor, vamos conversar – diz Luiza chamando para uma sala mais reservada, ao mesmo tempo que começa a contar sua história, mostrando que a vitória é possível.

– Você está falando isso porque não tem câncer!

– Eu tenho sim!

– Não acredito!

Para fazer crer, Luiza mostra o cateter que carrega. Por conta dele, ela não pode trabalhar em setores como a enfermagem, onde fica mais vulnerável. Mesmo assim, circula por todo o hospital, distribuindo seu sorriso. Em nossos encontros, andamos pelo local. A cada momento, Luiza era chamada por alguém. Um voluntário, um funcionário, um paciente. Todos abrem um sorriso ao encontrá-la. Dona Miraneide Maria da Silva, 49 anos, paciente em tratamento, foi uma delas.

– Ei, eu também quero dar meu depoimento sobre Luiza!  
- disse-me a senhora.

–Pois não.

– Descobri que estava com câncer em 2017. Foi um momento muito difícil para mim aqui no hospital. Eu não gosto nem de falar – contava com a voz embargada.

– Fique calma!

– No momento mais difícil encontrei Luiza. Abaixo de Deus, é ela. Foi quem me deu força. Quando a gente descobre que tem uma doença dessas, pensa logo que vai morrer, principalmente quando se tem três filhos. Eu não sabia nem como chegar em casa. Nesse dia, Luiza me contou a história dela.

Dona Miraneide lembra cada detalhe daquele 17 de novembro. Ela foi informada pela médica que tinha dois tumores. Ficou sem chão. Pensava que iria morrer. Foi quando a levaram para conhecer Luiza. No encontro, a senhora só chorava sem acreditar numa só palavra que Luiza dizia.

– Depois a ficha caiu. Pensei: se aconteceu com ela, também pode acontecer comigo. Passei a me segurar no que ela viveu. Quem olha assim, aparentemente, pensa que ela nunca passou por nada. Quando estou triste, procuro Luiza e dou um abraço. Naquele abraço encontro conforto.

Ainda em nossa caminhada pelo Hospital, também encontramos a voluntária Maria José Santos Melo, 69 anos. Ela estava tão animada que nem parecia que tinha sofrido um aneurisma uma semana antes, quando ficou três dias internada na UTI. Botou sua bata rosa e foi para o bazar, onde realiza o trabalho voluntário. Ela conhece Luiza há 15 anos. Sempre que se encontram, trocam abraços e dizem eu te amo, uma para a outra.

– Quando vejo alguém sofrendo, digo: você precisa conhecer Luiza! Começo a contar a história dela. As pessoas mudam quando conhecem a história. Quando falamos sobre o hospital, citamos o nome de Luiza. Meu marido e meus filhos a conhecem. Ela é referência para nós voluntárias. Você já pensou em fazer essa quantidade de cirurgias que Luiza fez, sem se queixar hora nenhuma? – indaga-me.



Eu não respondi. Pensei que diante da dor e da grandeza de Luiza nenhuma projeção consciente e pessoal seria válida. Luiza tem um caminho só dela. Cada percalço construiu seu sorriso. Como o sonho da festa de 15 anos que tinha quando era menina e nunca aconteceu. No dia em que chegou a essa idade, quando ainda morava na “casinha de plástico preta” que nem porta tinha, a jovem descobriu que não teria a celebração, o rito

de passagem. – Nem mesmo um bolo daqueles furado no meio – lembra Luiza. Sua mãe a olhou e lamentou:

– Mamãe não tem nem o que comer, quem dirá fazer 15 anos.



Luiza chorou o dia inteiro. Lembrava que a festa havia sido prometida por sua tia, que já tinha feito o debute de todas as suas primas. Justamente quando chegou a sua vez, o dinheiro faltou. Esse dia marcou Luiza para sempre. Ela fez questão de dar à filha uma festa com pompa e circunstância, num clube todo enfeitado com as cores rosa e lilás. Naquela noite, a Thais que Luiza amamentou usou três vestidos. Um rosa para recepcionar os convidados, outro branco - que parecia um vestido de noiva - para dançar a valsa e um terceiro,

brilhoso, usado para dançar na pista de dance. A festa também era uma realização de sua mãe.



Luiza considera o HCP sua casa (FOTO: GIL ACIOLLY)

Os 15 anos foram comemorados em outras ocasiões. A última vez foi no dia 28 de agosto de 2018, na refinada Usina Dois Irmãos, no bairro de Apipucos, em Recife. O baile foi para 20 garotas e 15 meninos, com idades entre 14 e 18, que se tratavam (ou ainda se tratam) de câncer no HCP, Oswaldo Cruz e IMIP. Tudo com ajuda de empresários e voluntários. Apesar de não estar ligada à organização do evento, Luiza fez questão de comparecer à festa. Foi ela quem ensinou os de-

butantes a dançarem a valsa, pouco antes da celebração, num hotel do Recife. Ensaiaava com seu sorriso fixo a cada “um pra lá, um pra cá”. Antes de entrarem no ônibus em direção ao evento, maquiou os meninos, com uma base facial, e os ajudou a se vestir. Dois nem conseguiram ir à festa. Faleceram dias antes. Outro que dançou a valsa mesmo na cadeira de rodas partiu depois da celebração. Luiza sabia que aquela noite era especial, uma celebração à vida pelos que lutam ou lutavam por ela. Uma luta que ela conhece tão bem. Naquela noite, seu sorriso era especial.



Luiza com a amiga Nelba Oliveira de Lima, com quem providenciou o casamento de seu Bartolomeu. (FOTO: GIL ACIOLLY)

Luiza também já ajudou a realizar casamento. Um foi realizado dentro da capela do HCP. Ela foi madrinha do casal. Outro foi feito às pressas, ali no leito mesmo da enfermaria, onde seu Bartolomeu agonizava. Era de manhã quando a noi-

va, que já tinha marcado a data do casamento, entrou desesperada na sala onde Luiza e sua amiga e também voluntária, Nelba Oliveira de Lima, estavam. Teria que casar naquele dia para realizar o desejo do noivo que - acreditava - morreria até o anoitecer. As colegas, vendo a grave situação de seu Bartolomeu, empenharam-se em ajudar. Saíram em busca de um padre. Foram ali, na capela do Hospital vizinho, a Santa Casa, e encontraram ajuda, mas ela só viria após o término de uma reunião, da qual o padre participava. Foram horas angustiantes para Luiza e Nelba que temiam a partida de Bartolomeu. O padre só chegou à noite. Encontrou as duas exaustas, mas logo se levantaram para levá-lo ao quarto, onde seu Bartolomeu aguardava já vestido para a ocasião. Quando o padre entrou, ele desmaiou.

– Não morra agora que o padre chegou – gritou Luiza – depois, ele levantou e foi aquela alegria. Casou do jeito que queria. Foi uma festa! Após o casamento, ele melhorou bastante. Depois, teve alta. Nunca mais recebi notícias dele.

Naquela noite, Luiza chegou em casa depois das 21h. Ela estava cansada, mas gargalhava de felicidade. No fundo, já sabia que seu Bartolomeu se recuperaria. Era mais uma história que guardava da sua segunda casa. E são muitas. Em apenas uma semana, ela me contou várias delas. Algumas bem tristes.

Quando perguntei-lhe qual a que mais a havia marcado, Luiza parou e pensou. Falou sobre uma senhora que já não tinha pernas nem braços. Ela clamava por um copo d'água, numa manhã em que Luiza visitava a enfermaria

onde a paciente estava internada. Luiza arrumou um copinho com canudo para matar a sede da mulher.

Outra imagem que não sai de sua cabeça é de uma senhora que aguardava uma consulta no HCP. O câncer já tomava o seu corpo.

– Pareciam raízes pretas saindo de dentro dela - descreve Luiza

A senhora estava na pequena praça, em frente à capela, quando um ruído quebrou o silêncio. Uma árvore despencava na direção das duas. O primeiro impulso de Luiza foi correr dali para se salvar, mas ela arrumou forças para arremessar a senhora de lugar, antes de fugir. A família da paciente não queria saber dela. E isso a entristeceu. Luiza não sabe dizer por que esse fato a marcou tanto. Talvez, ela tenha pensado na sua própria família, ao digerir a situação. Sua mãe, por exemplo, não pronuncia a palavra câncer. Fala “aquela doença”. Um primo de quem ela tanto gostava passou a evitá-la quando a viu sem cabelo. Ironicamente, esse mesmo familiar faleceu com um tumor. E Luiza estava lá, na UTI, confortando-o no leito de morte.

– Peguei na mão dele, nos últimos segundos de vida.

Para Luiza, os familiares não pronunciam a palavra por medo. Ela até compreende o raciocínio deles e diz não se tratar de preconceito. Esse tratamento diferenciado não veio só de parte de alguns membros da família. Uma vizinha parou de falar com a jovem e ainda a aconselhou a não sair de dentro de casa. Obviamente, Luiza não deu ouvidos. Além do trabalho que desenvolve no hospital, ela vende roupas de ginásticas para complementar a renda e terminar de construir sua casa. Compra o



material no polo têxtil de Toritama e o revende em academias, salões de beleza e entre as amigas. Por isso mesmo, Luiza ganha as ruas com a sacola na mão. Algumas vezes também vendendo o picolé gourmet que ela mesma produz. Todas as segundas, quartas e sextas-feiras vai ao bairro de Boa Viagem fazer aulas de dança. Adora todos os ritmos, mas a zumba e o dance são os que a fazem flutuar. Nas terças e quintas-feiras, malha numa academia perto de casa. Larga qualquer uma dessas atividades, caso necessitem dela no hospital.

– Se algum paciente me chama, vou. Por mim, moraria aqui no Hospital.

Sua filha, Thais, segue os passos da mãe e já atua, como jovem aprendiz, no HCP. Já passou por diversos setores como cabeça, pescoço, ortopedia, psicologia e fisioterapia. Hoje, está na quimioterapia, onde pega prontuários e anuncia pacientes. Ali, já conheceu amigos que foram confortados por sua mãe. A entrega de Luiza aos pacientes é tão grande, que ela não tem vergonha de mentir para ajudá-los. Como conhece todo mundo do hospital, de médicos a voluntários, faz o que está ao seu alcance para conseguir uma mamografia, uma ficha para uma consulta. Um desses casos aconteceu com uma senhora que tinha câncer de mama e precisava ser internada.

– Doutora, ela é da minha família.

– Eita Luiza, como sua família é grande - brincou a médica.



Para Luiza o voluntariado é uma missão, não um trabalho. (FOTO: GIL ACIOLLY)

A paciente conseguiu a internação. Queria se ajoelhar aos pés de Luiza para agradecer, mas para ela só o obrigada bastava. É de gratidão que o sorriso de Luiza se alimenta. Na rua, é parada por antigos pacientes que fazem questão de abraçá-la. Num domingo, dia 11 de novembro de 2018, muitos deles ficaram vidrados no programa da TV Record, “A Hora do Faro”. Nele, Luiza realizou o sonho de conhecer o apresentador, de quem é fã desde que ele integrava o grupo Dominó. Seguiu acompanhando o artista nas novelas, e depois nos programas que apresenta. Num domingo, assistindo ao “A Hora do Faro”, pediu a Deus para conhecê-lo. Quinze dias depois, recebeu o convite para participar da gravação, feita no dia do aniversário do Faro. Luiza embarcou para São

Paulo sem saber ao certo o que aconteceria. Chegando lá, foi recebida pelo próprio, que estava disfarçado de um produtor, com óculos e barba.

– Já entrei no palco chorando. Nem sabia o que estava falando. Fiquei em estado de choque.

Faro tirou seu disfarce, abraçou Luiza por trás e chorou com ela. A pernambucana contou sua saga de superação e mostrou seu sorriso em rede nacional. Voltou para casa ainda mais feliz, com mais uma história para contar aos amigos pacientes.

– Semana passada subi para ver uma colega que operou o útero. O câncer dela já está nos ossos. Ao chegar no leito, falei o nome dela. Ela abriu os olhos bem bonito. Depois levantou, me deu um abraço e disse: você é famosa, Luiza!

Que sorte do Faro encontrar a Luiza. A mulher que venceu três vezes o câncer. O último deles foi descoberto em 2015. Fez cirurgia, radioterapia e quimioterapia. Tudo outra vez! Tratando o seio esquerdo e usando cateter Luiza levou outra pancada da vida em 2017. Dessas difíceis de engolir. Dessas que não saram. O companheiro que esteve ao seu lado, testemunhando e participando de toda a sua luta contra o câncer, começou a sentir dores de cabeça e tonturas. Alderico, que durante toda a jornada da esposa trabalhava para sustentar a família, descobriu um tumor na cabeça. Ficou três meses internado, em tratamento. No dia 2 de julho, daquele mesmo ano, deu adeus ao sorriso de Luiza, que resiste mesmo depois de tantas pancadas.

A presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Pernambuco, Maria da Paz Azevêdo Silva, me assegurou que Luiza brinca com a vida. Em todos os sentidos.

– Já vimos algumas quedas de Luiza. Algumas vezes doente e precisando de socorro. Nessas horas, ela não baixa a cabeça. Está sempre sorrindo, sempre brincando, como se estivesse brincando com a vida. É como se tudo estivesse acontecendo com outra pessoa. Ela assume uma postura [perante a vida], mesmo sentindo dor. Quando a gente menos espera, ela está melhorando.

Maria da Paz conta que Luiza brinca tanto com a vida que às vezes negligencia o tratamento. Ela deveria ter feito um procedimento, agendado para 3 de janeiro de 2019, mas disse que esqueceu. A presidente da Rede contou sobre a conversa que as duas tiveram:

– Luiza, você já marcou o procedimento?

– Ainda estou pensando sobre o assunto.

–Por quê?

– A senhora sabe, o carnaval está chegando. Vou falar com o médico para marcar só para depois do carnaval.

O procedimento ao qual Maria da Paz se refere é uma cirurgia para trocar a prótese no seio, implantada há mais de dez anos. Luiza quis aproveitar a folia para vender produtos como água, tiaras e pochetes neon, mas também para se divertir.

Luiza quer desfrutar a vida. É desse usufruto que ela arruma forças para o enfrentamento de todas as situações pelas quais já passou. Para Maria da Paz, que a tem como uma filha, ela combate a doença vivendo, com sua dança, sua academia, sua doação.

– Ela é muito elétrica. Por isso fico no pé dela. Vejo se ganhou peso, se come direito, se descansa o suficiente. Ela não

mede esforços para ajudar, às vezes percorrendo longas distâncias, participando de bazares beneficentes, dando seu depoimento em cidades do interior, mostrando como enfrentou a doença. Ela ajudou no hospital, mesmo em situações em que esteve abatida, com febre e dor. Meu receio é de que ela pense tanto em viver que esqueça de se cuidar – revela Maria da Paz.

Maria da Paz assegura que Luiza venceu o câncer por realmente amar a vida de um jeito só dela, com seu lado atrevido, moleque e brincalhão.

– Luiza teria todos os motivos para se lastimar e se maldizer, por ter sido tão humilde e ter passado por tantas provações. A história dela é difícil, de muito sofrimento, de muitas lutas. Mas ela tem essa forma de pensar e agir. A vida é curta demais para pensarmos que é um câncer que vai acabar com ela. Cada um tem que lutar com as armas que tem para que possa ser feliz.

Além da troca da prótese, Luiza também espera pela cirurgia que vai remover seu cateter. Numa das entrevistas perguntei por que ela tinha que usar aquela sonda, mesmo sem ter câncer.

– Estou fazendo a manutenção. O cateter é para tomar quimioterapia. Como tive câncer pela terceira vez, o médico não quis tirar. Na cabeça dele, o câncer vai voltar – respondeu.

– E na sua cabeça? Pergunto para Luiza.

– Na minha cabeça não vai. E se voltar, trato de novo. A gente não está aqui para semente. Tem que se cuidar. Faça o bem e tudo floresce para você. Deus tem um plano. Se Ele me deixou aqui é porque tenho que ajudar o meu próximo. Peço saúde para ajudar mais e mais.

Luiza está firme na vida. Todos os dias, ela dorme com a certeza que cumpre sua missão. Por isso, sorri, mesmo quando passa na UTI e descobre que algum paciente com o qual tinha contato faleceu. Volta pra casa, às vezes chora. Mas no outro dia, sorri. Mesmo morando numa casa inacabada, sorri. Quando o preconceito a olha enviesado, ela sorri. Sorri com sua família de 300 voluntários. Luiza me disse que aprendeu com o sofrimento. O sorriso dela é daqueles bem alicerçado. Luiza transforma tragédia em sorriso. Esse é o seu dom.

# OS AUTORES

## M<sup>a</sup> Cristina Dias

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (1994). Atualmente é editora de texto - TV Cabo Branco. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo. Foi repórter do Jornal O Norte, nos anos de 1996 a 1998; Foi repórter do Jornal Correio da Paraíba, nos anos de 1998 a 2005; Foi repórter da Empresa de Televisão João Pessoa Ltda, entre 2000 a 2001; Foi editora da Empresa de Televisão João Pessoa Ltda, no período de 2004 a 2005; Foi editora I da Editora Jornal da Paraíba Ltda, entre 2005 a 2007; Foi editora de texto III da Televisão Cabo Branco III, nos anos de 2006 a 2009; Foi chefe de redação da Empresa de Televisão João Pessoa Ltda, nos anos de 2009 a 2012. Foi “editora-chefe do Bom Dia Paraíba. No lugar de “editora de texto III, da TV Cabo Branco III”. Não existe esse III depois da TV Cabo Branco

## Débora Freire

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo - pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Pesquisadora nas áreas de Fake News, Pós-Verdade, Redes Sociodigitais e Manipulação da Informação. Estágios docência nas áreas de Técnicas de Reportagem e Investigação Jornalísticas (UFPB) e Editoração e Programação Visual (UFPB). Atualmente é assessora de comunicação no Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFP. Tem experiência profissional (cerca de 20 anos) na 134 área de Comunicação, com ênfase em TV, Rádio e Assessoria de Comunicação.

# Gil Aciolly

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2003) e especialista em Assessoria de Comunicação pela Escola Superior de Relações Públicas (2009). Foi repórter na TV Natal, de 2002 a 2004, e TV Potengi (TV Bandeirantes Natal), de 2004 a 2006. Desde 2006 é jornalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), onde foi assessor de comunicação. Atualmente, trabalha na Coordenação de Comunicação do Campus Olinda (IFPE), atuando principalmente com assessoria de comunicação, jornalismo e gerenciamento de mídias sociais.

# Gloria Rabay

Jornalista, graduada pela Universidade Federal da Paraíba (1982), mestra e doutora em Ciências Sociais Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (1992) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). É professora Associada da Universidade Federal da Paraíba. Estuda gênero; mulher, participação política e processos eleitorais; gênero, ensino superior e feminismo acadêmico; Jornalismo e histórias de vida; Direitos Humanos e direitos das Mulheres. No campo do jornalismo pesquisa o diálogo entre as narrativas biográficas nas Ciências Humanas e no Jornalismo. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero NIPAM/UFPB e do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos - NCDH/UFPB. Professora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo PPJ/UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas - PPGDH/UFPB



# Luiz Custódio da Silva

Formado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1974), possui mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1983) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1991). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação e Comunicação Comunitária, atuando principalmente nos seguintes temas: cotidiano e informação, imprensa regional, informação e cidadania, folkcomunicação e cultura popular, pesquisa na Paraíba e ensino de pesquisa.

# Lorena Andrade

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade - MOBJOR - da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) cadastrado no CNPq. Possui Graduação em Comunicação Social - Jornalismo pelas Faculdades Integradas Barros Melo (AESO) e é assessora de imprensa da Secretaria de Saúde do Recife. Tem interesse nas áreas da comunicação, em especial pelos seguintes temas: Telejornalismo, Jornalismo Participativo, Convergência, Uso de Novas Tecnologias e Assessoria de Comunicação.

# Marcos Vital

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (2020); especialista em Redação Jornalística, pelo Centro de Ensino, Consultoria e Pesquisa, vinculado à Universidade Potiguar (2010); graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba (1998). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em videodifusão. Foi repórter e entrevistador da 103 FM O Norte, de 1998 a 1999; repórter, redator e editor de página substituto do Jornal O Norte, de 2000 a 2004; repórter, editor e apresentador da TV Borborema, em 2003; repórter, editor e apresentador da TV O Norte, de 2003 a 2004; repórter e apresentador da TV Miramar, de 2006 a 2007; repórter e apresentador da TV Arapuã, de 2007 a 2009; exerceu exclusivamente a atividade de cerimonialista entre 2009 e 2017. Desde 2017 é servidor público da Universidade Federal da Paraíba, onde atua como repórter e apresentador da TV UFPB.

